INSTITUTO CATÓLICO DE ESTUDOS SUPERIORES DO PIAUÍ

Welson Barbosa

# INICIAÇÃO À VIDA CRISTÃ COM INSPIRAÇÃO CATECUMENAL:

Reflexão teológico-pastoral à luz do documento 107 da CNBB.

Cod 5987
C 230
B 238i

ICESPI Biblioteca
13.426 30/07/2021

Teresina

2018

WELSON BARBOSA

# INICIAÇÃO À VIDA CRISTÃ COM INSPIRAÇÃO CATECUMENAL:

## Reflexão teológico-pastoral à luz do documento 107 da CNBB.

Monografia apresentada como requisito parcial para a obtenção do grau de Bacharel em Teologia, no Instituto Católico de Estudos Superiores do Piauí – ICESPI.

Orientador: Prof. Ms. Pe. João Paulo Moreira Santos

Teresina

2018

Welson Barbosa

# INICIAÇÃO À VIDA CRISTÃ COM INSPIRAÇÃO CATECUMENAL:

Reflexão teológico-pastoral à luz do documento 107 da CNBB.

Monografia apresentada como requisito parcial para a obtenção do grau de Bacharel em Teologia, no Instituto Católico de Estudos Superiores do Piauí – ICESPI.

Orientador: Prof. Ms. Pe. João Paulo Moreira Santos

Aprovada em ____/____/_____

Banca examinadora

_____

Prof. Ms. Pe. João Paulo Moreira Santos

Orientador

_____

Profª Drª Ir. Glória Josefina Viero

_____

Prof. Ms. Dom Juarez Sousa da Silva

## AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus pelo dom da vida e pela fé amadurecida ao longo de um processo formativo; pela graça a mim concedida nos sacramentos de iniciação à vida cristã. Agradeço ao Instituto Católico de Estudos Superiores do Piauí (ICESPI) por favorecer o estudo e a pesquisa. À minha família pelo exemplo de fé, por ter me educado nos valores cristãos e pela iniciação cristã recebida no lar. À Diocese de Oeiras, em particular ao atual Bispo de Parnaíba, Dom Juarez Sousa da Silva, que estando como pastor daquela diocese fundou a Escola Missionária Discípulos de Emaús (EMIDE), na qual estudei com os catequistas e tive o primeiro contato com o processo de iniciação à vida cristã com inspiração catecumenal. Experiência gratificante que me fez aprofundar sobre esta temática necessária para a renovação das nossas comunidades eclesiais. Agradeço a Dom Edilson Soares Nobre, Bispo diocesano de Oeiras, pelo carinho, pela amizade e pelo zelo que tem para com as vocações sacerdotais. Ao Pe. João Paulo Moreira Santos, querido orientador, que me ajudou durante a pesquisa e escrita deste trabalho monográfico. Ao Estêvão Prondi pelas devidas correções da monografia de acordo com as regras gramaticais da língua portuguesa. Agradeço imensamente aos meus irmãos seminaristas da Diocese de Oeiras, a saber: Odair Bezerra, Lucas Barbosa, Auricélio Tolentino, Valci Filho, Wellington Rodrigues, Nailson Silva, Jonh Elves, Abraão Galvão e Israel. Obrigado pelo testemunho, pela amizade e paciência durante esse tempo de convivência. Agradeço, por fim, aos amigos e amigas que sempre rezaram pela minha perseverança, pelo bom êxito desse trabalho.

## RESUMO

A iniciação à vida cristã com inspiração catecumenal é uma proposta do documento 107 da CNBB. É uma busca de resposta aos desafios atuais enfrentados pela Igreja em relação à transmissão da fé num ambiente sócio-cultural diversificado. Essa proposta é inspirada no catecumenato estruturado e praticado no início do Cristianismo. A história do catecumenato é constituída de altos e baixos: auge, declínio e restauração. Um dos textos bíblicos que fundamenta a inspiração catecumenal da catequese é o diálogo de Jesus com a Samaritana (Jo 4,7-42). A *Didaqué*, catecismo dos primeiros cristãos, e o *De Catechizandis Rudibus*, de Santo Agostinho iluminam a prática catequética de inspiração catecumenal. A iniciação à vida cristã inspirada no catecumenato dos primeiros cristãos exige a união entre catequese e liturgia. Pois a organização do itinerário composto em tempos e etapas pede a vivência litúrgica dos ritos a serem celebrados. A celebração dos sacramentos de iniciação à vida cristã, no processo iniciático catecumenal, preserva a unidade originária entre o Batismo, a Confirmação e a Eucaristia.



**Palavras-chave:** Iniciação. Vida cristã. Catecumenato. Catequese. Liturgia.

## ABSTRACT

The initiation into Christian life with catechumenal inspiration is a proposal of document 107 of the CNBB. It is a search for answers to the current challenges faced by the Church in relation to the transmission of the faith in a diversified socio-cultural environment. This proposal is inspired by the catechumenate structured and practiced at the beginning of Christianity. The history of the catechumenate is made up of ups and downs: peaking, decline and restoration. One of the biblical texts that underlies the catechumenal inspiration of catechesis is the dialogue between Jesus and the Samaritan woman (Jn 4: 7-42). The Didaqué, catechism of the first Christians, and the De Catechizandis Rudibus, of Saint Augustine illuminate the catechetical practice of catechumenal inspiration. The initiation into Christian life inspired by the catechumenate of the first Christians requires a union between catechesis and liturgy. For the organization of the itinerary composed in times and stages calls for the liturgical experience of the rites to be celebrated. The celebration of the sacraments of initiation to the Christian life, in the catechumenal initiatory process, preserves the original unity between Baptism, Confirmation and the Eucharist.



**Keywords:** Initiation. Christian life. Catechumenate. Catechism. Liturgy.

SUMÁRIO

**1 INTRODUÇÃO** ..... 7

**2 A CATEQUESE E O CATECUMENATO** ..... **10**
**2.1 Catecumenato: antiga instituição da Igreja** ..... **10**
*2.1.1 As origens do catecumenato* ..... 10
*2.1.2 A estruturação e o apogeu da instituição catecumenal* ..... 12
*2.1.3 A decadência do catecumenato* ..... 15
**2.2 O catecumenato no pós-Concílio Vaticano II** ..... **18**
*2.2.1 A restauração do catecumenato de adultos* ..... 18
*2.2.2 As razões da restauração do catecumenato* ..... 20

**3 FUNDAMENTAÇÃO BÍBLICO-TEOLÓGICA DE UMA CATEQUESE COM INSPIRAÇÃO CATECUMENAL** ..... **23**
**3.1 O encontro de Jesus com a samaritana (Jo 4,7-42)** ..... **23**
*3.1.1 O encontro* ..... 24
*3.1.2 O diálogo* ..... 25
*3.1.3 O conhecimento da pessoa de Jesus* ..... 26
*3.1.4 A revelação de Jesus* ..... 28
*3.1.5 O anúncio* ..... 29
*3.1.6 O testemunho* ..... 29
**3.2 Didaqué, o primeiro catecismo dos cristãos** ..... **31**
**3.3 De Catechizandis Rudibus** ..... **33**
*3.3.1 O conteúdo e o método da catequese* ..... 34
*3.3.2 Os interlocutores e a pessoa do catequista* ..... 35

**4 INICIAÇÃO À VIDA CRISTÃ, UMA INSPIRAÇÃO CATECUMENAL** ..... **39**
**4.1 Iniciação à vida cristã** ..... **39**
*4.1.1 Significado* ..... 40
*4.1.2 Sujeitos e interlocutores* ..... 42
a) A comunidade cristã ..... 42
b) A família ..... 43
c) Os adultos ..... 44
d) Os adolescentes e jovens ..... 45
e) As crianças ..... 46
f) Os grupos específicos ..... 46
**4.2 Liturgia e catequese** ..... **47**
*4.2.1 Tempos e etapas* ..... 48
a) Pré-catecumenato ..... 49
b) Catecumenato ..... 51
c) Purificação e iluminação ..... 53
d) Mistagogia ..... 55
*4.2.2 A unidade dos sacramentos de iniciação à vida cristã* ..... 56

**5 CONCLUSÃO** ..... **59**

**REFERÊNCIAS** ..... **62**

**ANEXO** ..... **66**

# 1 INTRODUÇÃO

A Igreja Católica tem procurado a partir do Concílio Vaticano II dialogar com o mundo contemporâneo. Nesse diálogo houve um avanço na reflexão sobre a maneira de transmitir a fé no contexto cultural diversificado. Estas reflexões surgem a partir da realidade. Exerce papel fundamental nesse processo reflexivo a área da teologia que estuda o processo catequético e se encarrega de apresentar os modos diferenciados de transmissão da fé cristã, de acordo com o contexto e as urgências de cada época. Essa é tarefa da Catequética, ramo teológico voltado para o estudo da catequese, apontando os objetivos, meios, métodos etc, para a comunicação da Palavra de Deus.

As reflexões produzidas pelos estudiosos da área catequética antes do Concílio Vaticano II e no pós-Concílio foram demasiadamente importantes. Pois conduziram à percepção de que aquilo que se transmite na catequese parece não corresponder àquilo que os catequizandos vivem. Parece que o modelo de catequese posto em prática até então está ultrapassado. Nesse contexto foi surgindo a discussão sobre a iniciação à vida cristã. Esta é uma temática muito debatida atualmente na comunidade eclesial.

A transmissão da fé está exigindo mais das comunidades eclesiais, visto que a sociedade passa por mudanças rápidas e profundas. O retorno às fontes é uma das melhores alternativas de resposta ao contexto da sociedade atual, na qual o secularismo é uma de suas marcas, no sentido de que não se vive mais numa sociedade em que o cristianismo é a norma a ser observada por todos. Pelo contrário, percebemos que tornar-se cristão é uma escolha diante de tantas outras. Como apresentar o modo de vida de Jesus às pessoas a fim de que elas façam uma experiência pessoal e optem pelo discipulado, pelo seguimento de Jesus Cristo?

Daí surge a iniciação à vida cristã com inspiração catecumenal como uma proposta para o restabelecimento do modo adequado de se fazer catequese, com o envolvimento de toda a comunidade eclesial. Desde 1972, a Igreja promulgou o Ritual de Iniciação Cristã de Adultos (RICA), que restabelece o Catecumenato. Ele está organizado em tempos e etapas bem definidos. A iniciação proposta pelos Bispos brasileiros está inspirado nesse modo gradativo do processo catecumenal.

Esse modelo de iniciação é a mola mestra do estudo empreendido, cujo conteúdo será abordado a partir de agora. A iniciação à vida cristã sob o prisma catecumenal é uma tentativa de responder às interpelações das comunidades em relação à educação na fé num mundo marcadamente subjetivista, líquido e secularizado. Nesse ambiente falta a iniciação à vida de

fé, que em outros tempos de cristandade era tarefa da família. Então a necessidade de uma catequese com inspiração catecumenal é premente.

Por isso, depois de um período de amadurecimento das discussões, de estudos e reflexões de especialistas e estudiosos na área especificamente catequética, os Bispos reunidos na 55ª Assembleia Geral, na cidade de Aparecida, nos dias 26 de abril a 5 de maio de 2017, aprovaram o documento 107, da CNBB (Conferência Nacional dos Bispos do Brasil), intitulado *Iniciação à Vida Cristã: itinerário para formar discípulos missionários.* Esse documento recentemente elaborado e publicado será o guia nessa reflexão que empreendemos.

A realidade da sociedade pede uma catequese diferente daquela que estamos acostumados a fazer. É preciso sair de uma catequese meramente doutrinal para uma catequese que seja mais vivencial, litúrgica e simbólica. Entretanto, sem cair no dualismo catequético, pois, mesmo vivencial e litúrgica, é preciso manter também a parte doutrinal. É necessário deixar uma catequese de enfoque meramente doutrinal para assumir uma catequese centrada na Palavra de Deus, na qual a vida e a experiência de cada um são valorizadas.

Para assumir uma catequese vivencial, diante de um contexto de mudança de época, a Igreja Católica está procurando se inspirar no catecumenato praticado nos primeiros séculos do cristianismo. O estudo sobre essa inspiração catecumenal para toda a catequese ganha relevância, a partir dessa busca da Igreja em dar uma resposta eficaz aos questionamentos e desejos dos homens e mulheres de nosso tempo. Tal relevância nasce do fato de que quanto mais se aprofunda, surgem luzes para iluminar o processo que ainda está emergindo, sendo estudado e implantado, nas comunidades eclesiais, principalmente nas comunidades do Brasil.

Pretende-se com essa reflexão apresentar a iniciação à vida cristã com inspiração catecumenal como uma resposta adequada para a formação de discípulos missionários conscientes de sua fé, no mundo hodierno e secularizado e em profundas mudanças. Aqui temos o objetivo geral de nossa reflexão. Para chegar a tão exitosa finalidade, faz-se necessário estabelecer alguns objetivos específicos. O primeiro consiste em percorrer a história do catecumenato, compreendida em quatro fases distintas, a saber: desenvolvimento, auge, declínio e restauração; o segundo consiste em fundamentar bíblica e teologicamente a catequese com inspiração catecumenal; o terceiro em demonstrar a importância de uma iniciação à vida cristã com inspiração catecumenal que leve ao encontro pessoal com Jesus Cristo; por fim, identificar os tempos e as etapas do catecumenato de adultos, no qual se inspira a iniciação à vida cristã.

A abordagem sobre a iniciação à vida cristã, no presente trabalho, utiliza-se prioritariamente do método Ver, Julgar e Agir, como se observará na estrutura dos capítulos.

Contudo, não desconsidera outros métodos auxiliares que possam estar entrelaçados no decorrer do texto. As fontes são essencialmente bibliográficas, sendo que a fonte principal é o documento 107 da CNBB. As demais fontes são de autoria de catequetas, biblistas, exegetas e demais estudiosos da catequese com inspiração catecumenal.

A reflexão teológico-pastoral, feita de acordo com o parecer e as orientações do bispos do Brasil, está organizada em três capítulos. O primeiro capítulo é desenvolvido a partir da relação entre catequese e processo catecumenal, de modo que traz resumidamente a história do catecumenato como uma instituição da Igreja primitiva na iniciação de seus novos membros. Apresenta o desenvolvimento, o auge e o declínio da instituição catecumenal nos primórdios do cristianismo. Trata-se também do catecumenato no pós-Concílio Vaticano II, apontando as possíveis causas para a restauração do catecumenato de adultos e sua inspiração para toda a catequese.

No segundo capítulo, a ênfase recai sobre a fundamentação bíblico-teológica da catequese com inspiração catecumenal. Aprofundando o texto de Jo 4,7-42, veremos que existem passos fundamentais percorridos pela Samaritana (encontro, diálogo, conhecimento de Jesus, revelação, anúncio e testemunho), que iluminam o processo de iniciação à vida cristã. Além disso, duas fontes oriundas da Tradição da Igreja, a *Didaqué*, o primeiro catecismo dos cristãos e o *De Catechizandis Rudibus,* de Santo Agostinho iluminam a inspiração catecumenal.

No último capítulo, a reflexão se detém sobre a iniciação à vida cristã com inspiração catecumenal. Primeiramente, vê-se o significado do termo "iniciação à vida cristã" e os sujeitos e os interlocutores do processo. Depois, a relação estreita e inseparável entre catequese e liturgia mediante a progressividade da iniciação em tempos e etapas. Por fim, apresenta a necessidade de salvaguardar a unidade sacramental do Batismo, Confirmação e Eucaristia.

# 2 A CATEQUESE E O CATECUMENATO

Para entender melhor a inspiração catecumenal da catequese, faz-se necessário conhecer a história do catecumenato, mesmo que seja de maneira sumária e resumida. O objetivo desse capítulo é traçar a história do catecumenato, o seu desenvolvimento, auge, declínio e sua restauração levada a termo oficialmente pelo Concílio Vaticano II.

Contudo, antes de abordar o percurso histórico do catecumenato, cabe uma definição dos termos *catequese* e *catecumenato*. Etimologicamente, catequese tem sua origem num verbo grego *catá-ekhéin* (catequizar) que significa "fazer ressoar aos ouvidos"; no contexto cristão, é fazer ressoar a Palavra de Deus no coração e na vida das pessoas; é evangelizar. O termo catecumenato também tem a sua origem etimológica no mesmo verbo grego *catá-ekhéin* (catequizar). Contudo, indica um caminho, um processo, através do qual as pessoas, que livremente pediam o batismo, eram submetidas e acompanhadas.

Para revisitar a história do catecumenato antigo, faremos o seguinte percurso: abordaremos a origem do catecumenato (séc. II), o seu auge (séc. III e IV), declínio (segunda metade do séc. IV), chegando ao seu desaparecimento por completo no séc. VIII. Além disso, veremos a restauração do catecumenato nos documentos do Concílio Vaticano II e as razões de dessa retomada do catecumenato.

## 2.1 Catecumenato: antiga instituição da Igreja

A necessidade de um processo sistemático contribuiu para que as primeiras comunidades cristãs elaborassem o catecumenato, organizando-o em tempos e etapas bem definidos. No entanto, esse itinerário não foi construído de maneira instantânea, e sim processual, lentamente.

### *2.1.1 As origens do catecumenato*

No Novo Testamento, encontra-se alguns textos dos quais se pode extrair algumas conclusões a respeito do processo de iniciação cristã. Contudo, ainda não havia um itinerário estruturado em tempos e etapas. O que não significa ausência de uma preparação e de critérios de discernimento para acolher um novo membro na comunidade cristã primitiva. Para Reinert (2015, p. 46), "a origem do catecumenato remete à própria atividade apostólica e à missão

mesma de Jesus", que não é outra coisa senão anúncio do Evangelho para provocar a conversão e um novo modo de viver em relação aos outros e a Deus.

No livro dos Atos dos Apóstolos, encontram-se vários textos que mostram o germe do processo que mais tarde se chamaria catecumenato. Dentre as passagens analisaremos duas a título de exemplo: o discurso de Pedro após o acontecimento de Pentecostes (At 2,14-41), no qual é anunciado o mistério Pascal de Jesus: "Este homem, entregue segundo o desígnio determinado e a presciência de Deus, vós o matastes, crucificando-o pela mão dos ímpios. Mas Deus o ressuscitou [...]" (v. 23-24a). Depois dessas e outras palavras pronunciadas por Pedro, os ouvintes perguntaram o que deveriam fazer e Pedro responde: "arrependei-vos, e cada um de vós seja batizado em nome de Jesus Cristo para a remissão de vossos pecados. Então recebereis o dom do Espírito Santo" (v. 38).

Outro texto significativo é o encontro de Filipe com o eunuco, funcionário da Rainha da Etiópia (At 8,26-40): o eunuco lê o profeta Isaías pelo caminho. Filipe se aproxima e pergunta: "Entendes o que lês?" (v. 30). E o eunuco responde: "Como poderia se ninguém me explicar?" (v. 31). Após a leitura do texto o eunuco pergunta a Filipe desejoso de saber de quem o texto do profeta Isaías tratava. Filipe "abrindo então a boca, e partindo deste trecho da Escritura, anunciou-lhe a Boa-Nova de Jesus" (v. 35). Chegando num lugar onde havia água, o eunuco diz: "Que impede que eu seja batizado?" (v. 36). O verbo "impedir" em forma interrogatória seria um indício de que a comunidade examinasse a intenção do candidato antes de receber o Batismo. Segundo Caspani (2013, p. 38), "é uma terminologia técnica para designar certa forma de exame prévio do candidato". Depois Filipe o batizou e foi arrebatado.

Desses dois textos, pode-se extrair os elementos constitutivos do processo de iniciação cristã presente no Novo Testamento: "a pregação, a fé e a celebração sacramental. O conteúdo fundamental da *pregação* é o anúncio do *querigma*, acompanhado de convite pontual e forte à conversão" (CASPANI, 2013, p. 36, grifo do autor). A fé vem pelo ouvido; a partir da escuta da pregação dos apóstolos, o destinatário da mensagem adere à palavra proclamada. E o sinal visível da conversão mediante a fé é a celebração do batismo.

O processo catecumenal teve sua origem no século II da era cristã. A Igreja era perseguida pelos judeus e pelo império romano. Nesse período, o número de adeptos ao cristianismo aumentava cada vez mais. A Igreja se preocupou com a seriedade da conversão dos pagãos e com o surgimento de divisões internas, com as heresias (gnosticismo e montanismo), os *lapsis*, isto é, aqueles que negavam a fé em Cristo diante da perseguição e das torturas.

A heresia chamada gnosticismo "*pretendia transformar o cristianismo numa filosofia religiosa*" (BELINQUETE, 2016, p. 41, grifo do autor); para os seus adeptos a salvação se obteria pela *gnose*, isto, é pelo conhecimento. A outra heresia que estava confundindo a fé da Igreja era o montanismo, que defendia "*uma terceira e última revelação, a do Espírito Santo ou do Paráclito, que vinha completar a revelação feita por Jesus Cristo*". E afirmava que "*a vinda de Jesus Cristo estava iminente e, com ela dava início ao seu reino sobre o seu povo durante mil anos*" (BELINQUETE, 2016, p. 41, grifo do autor).

Segundo Oliveira (2010, p. 176), a atenção quase total da comunidade eclesial, "está voltada para a preparação de adultos à fé e ao batismo, pois precisam de muita firmeza, já que são eles o primeiro alvo tanto da perseguição de judeus e de romanos, como de proselitismo por parte dos que se separam ou são considerados heréticos pela Igreja".

Foi nesse contexto que nasceu o catecumenato institucionalizado, que segundo o Padre Lima (2016, p. 27) foi "uma das instituições mais eficazes e frutuosas da história da Igreja: tempo extremamente sério de formação, para afirmar bem a fé, para testar a vida no meio do mundo pagão, e no seio de uma comunidade que comunicava sua fé e transmitia seu credo". Esse modo de fazer "ressoar a Palavra de Deus" tinha como finalidade "possibilitar, por meio de um itinerário específico de iniciação, a preparação, prioritariamente de pessoas adultas, que tinham manifestado o desejo de assumir a 'fé da Igreja' [...]" (CNBB, 2017, p. 30). Embora se possa considerar a possibilidade do catecumenato ainda não ser, no século II, "uma instituição estruturada e oficializada [...] contudo, já é uma prática pastoral bastante difundida" (REINERT, 2015, p. 46).

### *2.1.2 A estruturação e o apogeu da instituição catecumenal*

Nos séculos III e IV aconteceu a estruturação do catecumenato em todas as comunidades cristãs. Podemos dizer que fora o período áureo da instituição catecumenal. O catecumenato se estruturou em quatro tempos e três etapas, alcançando vigor e rigor. Segundo Carvalho (2015, p. 113), "especificamente no terceiro século, o catecumenato atingiu o seu amadurecimento catequético e litúrgico".

Quanto aos tempos do catecumenato antigo se observa a seguinte configuração: o pré-catecumenato ou tempo de evangelização, o catecumenato propriamente dito, purificação e iluminação, por fim, a mistagogia. Estes passos em tempos e etapas passaram a fazer parte do processo, de sorte que "a prática catecumenal era bastante uniforme no século III" (FLORISTÁN, 1995, p. 83).

O pré-catecumenato, considerado um tempo dedicado à evangelização, tinha por objetivo "suscitar a fé e a conversão entre pagãos mediante a pregação do evangelho [...]" (FLORISTÁN, 1995, p. 74). Antes de entrar no catecumenato, havia um exame para saber se o candidato estava realmente disposto a seguir na caminhada e para descobrir as motivações de tal prosseguimento. A finalidade desse exame era verificar os motivos da conversão. Colhia-se no exame "os dados relativos a seu estado familiar (solteiro ou casado), social (livre ou escravo) e profissional (ofício ou trabalho)" (FLORISTÁN, 1995, p. 83). Uma das exigências era o abandono do ofício, caso levasse à idolatria, ao homicídio e à impureza. A partir desse exame tomava-se conhecimento da vida do candidato ao batismo. A condição para o ingresso no catecumenato "eram, portanto, a conversão e a fé como adesão pessoal a Jesus Cristo" (PANAZZOLO, 2011, p. 24). Uma vez aprovado, a comunidade o acolhia em seu seio para uma preparação mais longa.

O tempo de catecumenato ou de preparação remota tinha a duração de três ou mais anos e poderia ser abreviado para alguns catecúmenos preparados, pois o mais importante era a conduta e não o tempo. Chamava-se catecúmeno aquele (a) que entrava "na dinâmica de deixar a Palavra de Deus fazer eco dentro de si" (OLIVEIRA, 2010, p. 177). Esse tempo de formação cristã além do ensino, exigia-se: "arrependimento, fé na Igreja e vida transformada" (FLORISTÁN, 1995, p. 84). Os catecúmenos participavam apenas da mesa da Palavra. Após a oração dos fiéis, "o catequista imporá a mão sobre os catecúmenos, rezará e os dispensará" (HIPÓLITO DE ROMA, 1981, p. 49). Isso ainda permanece até hoje de acordo com a rubrica do RICA (n. 96), presente na celebração de entrada no catecumenato: o presidente após expressar a alegria de acolher os catecúmenos e exortá-los à vivência da Palavra de Deus, os despede.

A preparação remota era "um período de formação e de prova, que culminava com um novo exame do catecúmeno durante a instrução" (FLORISTÁN, 1995, p. 75). Nesse novo exame contava-se com a ajuda e testemunho dos padrinhos. Uma vez aprovado, o catecúmeno era "apresentado à comunidade pelo catequista, padrinho ou madrinha e representante da comunidade, passando a *eleito* ou *iluminado*. Este já podia participar da liturgia da Palavra, estar presente na liturgia eucarística" (PANAZZOLO, 2011, p. 24-25).

O período quaresmal tinha o caráter de "preparação intensiva ao batismo e eucaristia da noite pascal, que culminava com a celebração sacramental" (FLORISTÁN, 1995, p. 75). As orientações quaresmais concentravam-se no evangelho, no Credo, no Pai Nosso e nos sacramentos. Celebravam-se os exorcismos com a imposição das mãos. Segundo a Tradição Apostólica de Hipólito de Roma (1981, p. 50-51), os eleitos deveriam tomar banho na quinta-

feira imediatamente anterior ao sábado da Vigília, jejuar na sexta-feira e no sábado se reunirem num lugar designado pelo bispo. Nesse dia, estando de joelhos, o bispo exorcizava-os pela última vez, com a imposição das mãos e soprava-lhes no rosto; depois marcava-lhes com o sinal da cruz a fronte, os ouvidos e as narinas; e durante a noite permaneciam vigilantes. Após essa preparação próxima na qual acontecia as entregas do Credo e do Pai Nosso, os eleitos eram batizados, confirmados e recebiam a comunhão eucarística na Vigília Pascal. Os sacramentos de iniciação à vida cristã conservavam a sua unidade. Floristán (1995, p. 86) descreve sinteticamente como se realizava a ação sacramental na Grande Vigília:

> No começo era celebrado [o batismo] onde havia água, junto a um rio ou fonte. Os batizandos se lavavam na quinta-feira santa, jejuavam na sexta e velavam no sábado, em cuja noite participavam das últimas leituras e instruções da vigília. Na aurora do domingo, com o canto do galo [...] aproximavam-se os batizandos das águas, despiam-se (nesta ordem: rapazes, moças, homens e mulheres), dispunham-se à abertura dos sentidos [...], renunciavam a Satanás voltados para o Ocidente (mundo pagão), proclamavam o credo dirigidos para o Oriente (em Roma), eram ungidos com o óleo dos exorcismos no peito e nas costas ou em todo o corpo [...]. Um diácono ou uma diaconisa entrava na água com o candidato. Finalmente eram batizados com uma tríplice imersão, acompanhada de um tríplice interrogatório e profissão de fé [...]. Depois de sair das águas, os batizados eram ungidos com óleo consagrado pelo bispo (o atual crisma) e colocavam de novo seus vestidos [...]. Entravam na Igreja onde os esperava o bispo que lhes impunha as mãos e os ungia com óleo "de ação de graças" (terceira unção), que corresponderá mais tarde à confirmação. O bispo fazia-lhes uma cruz na fronte e dava-lhes o beijo da paz. Os neófitos [...] davam-se mutuamente o beijo da paz, apresentavam suas ofertas e podiam degustar a comunhão.

Os cinquenta dias posteriores à Vigília Pascal eram consagrados à catequese mistagógica. A Igreja possui uma variedade de textos mistagógicos, produzidos entre os séculos III e IV, fruto das catequeses pós-batismais dirigidas aos neófitos. O objetivo das catequeses mistagógicas era fazer com que os recém batizados tomassem consciência daquilo que fora experimentado por eles na Vigília Pascal. Diariamente, durante uma semana, os neófitos iam à Igreja, usando as vestes brancas, para receber as instruções e vivenciar conscientemente os símbolos utilizados na ação sacramental. Segundo Panazzolo (2011, p. 27), o tempo pascal era constituído de dois momentos: o primeiro seria a semana de formação, de experiência, de catequese mistagógica e o outro seria a integração completa na comunidade, visto que os neófitos participam não só da mesa da Palavra, mas também da mesa eucarística.

*2.1.3 A decadência do catecumenato*

Há dois fatos decisivos, senão simultâneos, que afetou profundamente a atividade pastoral da Igreja: o desaparecimento do catecumenato de adultos e a generalização do batismo de crianças (infantes).

No século IV, o catecumenato iniciou o seu declínio e foi desaparecendo até o século VIII. Alguns fatores e decisões políticas corroboraram para que o processo catecumenal entrasse em decadência. Em 312 o Imperador Constantino assumiu o trono romano, publicando no ano seguinte o Édito de Milão, uma lei imperial que concedia liberdade religiosa aos habitantes do império. Embora não reconhecesse ainda o cristianismo como religião oficial do Estado, com a paz constantiniana a Igreja recebeu deste imperador alguns favores. Não havia mais perseguição à Igreja e a nenhum outro segmento religioso.

No dia 28 de fevereiro de 380, o imperador Teodósio publicou o Édito de Tessalônica, reconhecendo o Cristianismo como religião oficial do Estado. A lei, segundo Belinquete (2016, p. 55, grifo do autor), "*mandava a todos professar 'a religião que o apóstolo Pedro havia ensinado antigamente aos romanos, e que, no presente seguissem o pontífice Dâmaso e a Pedro, bispo de Alexandria, homem de santidade apostólica*". Teodósio "fortifica" ainda mais o Cristianismo, quando proíbe os cultos pagãos em 392. Percebe-se que a realidade dos cristãos é totalmente diferente daquela experimentado nos séculos II e III. Pode-se afirmar com Pe. Lima (2016, p. 30) que a religião cristã de perseguida e fora da lei, torna-se uma religião autorizada pelo Estado e depois a oficial do Império Romano.

Essas decisões fizeram aumentar as conversões ao cristianismo, à religião oficial do império. Isso não significa dizer que todos se converteram à pessoa de Jesus Cristo, como acontecia em épocas de perseguições. Quem não era cristão, se não quisesse ser perseguido, se declarava, se "tornava" cristão. O processo longo de amadurecimento na fé deixa de ser observado, devido a quantidade de pessoas "convertidas". A comunidade não consegue mais acompanhar de maneira personalizada os que se convertem à fé cristã.

Além disso, a conversão se dava também a fim de obter favores e vantagens políticas, visto que a Igreja está agora unida ao Estado. "Com esse favoritismo do cristianismo, muitos cidadãos pedem o batismo, ingressam no catecumenato, mais por interesse político do que realmente como resultado de conversão" (OLIVEIRA, 2010, p. 179). Enfim, a conversão deixa de ser uma exigência para uma pessoa ser cristã.

As motivações para assumir a vida cristã não são mais as mesmas. Nos séculos anteriores ao IV, os cristãos abraçavam a fé mediante o anúncio do kerigma; faziam a

experiência do encontro pessoal com Cristo mediante a pregação e celebrações mistagógicas. As ambiguidades do tornar-se cristão fazem o catecumenato perder o seu sentido originário. Entre as ambiguidades "estão os interesses políticos e sociais, a tendência a estender o máximo a permanência no catecumenato para gozar o máximo da vida mundana, retardando assim o batismo-conversão para o fim da vida" (REINERT, 2015, p. 53).

A partir do século IV inicia-se a cristandade. "As pessoas nasciam em ambiente cristão e iam adotando os comportamentos e as práticas do meio religioso ao qual pertenciam. Era um cristianismo herdado, transmitido como tradição familiar e social" (CNBB, 2017, p. 31). A maioria das pessoas é cristã. E numa sociedade cristã, o catecumenato como itinerário gradual, experiencial e comunitário de iniciação na fé, não é mais necessário. Ao adaptar o catecumenato à nova realidade cultural, "o acento da iniciação passa a ser colocado na preparação próxima aos sacramentos, ou seja, quem pedia o batismo recebia uma iniciação abreviada em vista do batizado, em detrimento do processo catecumenal" (REINERT, 2015, p. 53). A preparação próxima aos sacramentos continuou sendo a Quaresma. O problema é que a caminhada catecumenal de três anos está agora reduzida ao tempo quaresmal. Com o desaparecimento do catecumenato, "catequese e liturgia se distanciam e a catequese vai se dirigindo às crianças" (CNBB, 2009, p. 23).

O batismo de crianças é um fato presente em muitas comunidades no final do século VI, mas sua prática "ordinária" teve início no século V. Com essa constatação, não se pretende entrar na querela se antes disso, crianças eram batizadas ou não. O que se pode afirmar é que o catecumenato da Igreja primitiva tinha como primeiros destinatários os adultos. Isso não significa negar o batismo de crianças antes e depois de instituído o catecumenato.

Ao generalizar o batismo de crianças há uma mudança significativa no tempo de preparação, que "foi reduzido a alguns escrutínios dirigidos aos pais" (QUEZINI, 2013, p. 25). Portanto, de uma preparação próxima de quarenta dias antes do sacramento, passa-se à prática de exame das intenções dos genitores. E depois, a partir do século VIII, o que se fazia numa quaresma, "reduziu-se a vinte minutos, num idioma desconhecido do povo, sem qualquer evangelização e catequese" (FLORISTÁN, 1995, p. 94). O catecumenato nesse período deixou de existir.

Além disso, como não se criou de imediato um ritual para o batismo de crianças, mas se utilizava o ritual para o batismo de uma pessoa adulta, "os escrutínios (exame do coração) se converteram em exorcismos (expulsão de demônios), já que com as crianças não cabia instrução religiosa nem uma decisão pessoal" (FLORISTÁN, 1995, p. 94). Devido às doenças, às epidemias, à mortalidade infantil, "entra em voga a mentalidade segundo a qual se deve batizar

o quanto antes, *quam primum*, em qualquer dia do ano" (REINERT, 2015, p. 54). Percebe-se que a iniciação à vida cristã não se dá mais na comunidade, mas em casa no seio da família. O papel de iniciar na fé é transferido da comunidade para os pais. Inicia-se o que se convencionou chamar de catecumenato social.

Com a cristandade desaparece o itinerário catecumenal organizado em quatro tempos e três etapas e surge o catecumenato social. O primeiro anúncio, a transmissão da fé é tarefa da família, era feito em casa pelos pais; talvez nem tanto por palavras, mas com o testemunho. A Igreja é responsável apenas pela instrução, pela catequese. É normal que isso fizesse parte da mentalidade da época, principalmente medieval. Somente com a chegada da Idade Moderna, quando inicia-se o movimento de renovação da Igreja que culminou com a Reforma Protestante, tal mentalidade difundida é questionada.

Pe. Lima (2016, p. 33) apresenta claramente a realidade da catequese na Idade Média, época em que não havia mais estrutura nem instituição de catequese, quando escreve:

> A fé era transmitida no seio da família e nas atividades do dia a dia. Pais e padrinhos assumiam no momento do Batismo o compromisso de educação da fé. Era uma catequese viva, feita de imitação e testemunho: sem esforço, aprendia-se com os adultos a pensar, a julgar, a rezar, a crer e obedecer às mesmas leis e autoridades.

Percebe-se que era algo natural e que respondia de alguma forma aos anseios e desejos humanos. Essa forma de educar na fé, para a época, conseguia fazer com que as pessoas se encontrassem com Deus. O ambiente favorecia o cultivo da fé em Cristo. A pessoa já nascia no num contexto cristão, numa sociedade sacral. "A fé se encontrava expressão nas devoções aos santos, nas peregrinações, nas penitências. [...] A Bíblia era proclamada nos sermões, encenada ao longo das procissões e festas e representada na pintura, na escultura, no teatro, nos cantos e nas narrativas populares. Era uma catequese da piedade popular" (CNBB, 2017, p. 31). Os pais tinham a consciência de que eram os catequistas de seus filhos, ensinavam a oração do Pai-Nosso, da Ave-Maria, do Credo e cultivavam e incentivavam a devoção aos santos. Desse modo, para o Pe. Lima (2016, p. 35), "mais do que uma *iniciação* (como no catecumenato), podemos falar de uma socialização cristã". Não havia dificuldade de aceitar e de testemunhar Cristo, no contexto de cristandade.

Na Idade Moderna, após a publicação de um catecismo por Lutero, fruto da Reforma Protestante, a Igreja reuniu-se no Concílio de Trento (1545-1563) para condenar as proposições luteranas e reafirmar a fé transmitida pela Igreja. Um dos resultados do Concílio foi a elaboração de um catecismo para os párocos. Com isso, "a Igreja voltava a ter uma estrutura educativa estável e definitiva: uma atividade (doutrina cristã a ser desenvolvida no âmbito da

paróquia) e um instrumento-texto (o catecismo)" (LIMA, 2016, p. 39-40). Nele se encontravam a doutrina da fé, o ensinamento moral, a celebração dos sacramentos e as orações cristãs. Esse catecismo "passou a ser a referência oficial de transmissão da fé" (CNBB, 2017, p. 32). Entretanto, a catequese ainda continuou separada da liturgia. O centro da transmissão da fé gira em torno da instrução. Essa realidade perdura até o Concílio Vaticano II (1962-1965).

## 2.2 O catecumenato no pós-Concílio Vaticano II

Na metade do século XX, o Papa São João XXIII convoca um Concílio Ecumênico a fim de renovar a Igreja. Chamou a todos a um *aggiornamento* (atualização, renovação), convidando a abrir as janelas da Igreja para entrar um novo ar, que fosse capaz de dialogar com a modernidade. O Concílio Vaticano II foi responsável no âmbito catequético pela restauração do catecumenato. Os bispos das terras de missão, preocupados com a evangelização dos povos e com o batismo de adultos, pediram que restaurasse "o catecumenato antigo para criar um real processo de amadurecimento da fé" (QUEZINI, 2013, p. 28).

A grande contribuição do Vaticano II para a renovação da catequese foi "[...] todo o conjunto do *aggiornamento* conciliar que deu um embasamento bíblico, teológico e pastoral para uma verdadeira renovação catequética" (LIMA, 2016, p. 76). Deram grande impulso renovador os movimentos pré-conciliares: o movimento litúrgico, catequético, bíblico. Como fruto do movimento catequético tivemos a restauração do catecumenato de adultos.

### *2.2.1 A restauração do catecumenato de adultos*

A Constituição *Sacrosanctum Concilium* sobre a sagrada liturgia, promulgada em 4 de dezembro de 1963, foi a primeira constituição aprovada pela Vaticano II. Nela os Padres conciliares pedem a restauração do catecumenato: "Restaure-se o catecumenato dos adultos, em diversos níveis, de acordo com a autoridade local. As etapas do catecumenato podem ser santificadas por diversos ritos, aptos a manifestar seu espírito" (*Sacrosanctum Concilium,* n. 64). Isso não significa que antes do Vaticano II não tenha havido restauração do catecumenato, em alguns lugares, como na França, em 1952. O catecumenato antigo é o modelo dessa restauração. Por "diversos níveis" se entende os tempos (pré-catecumenato, catecumenato, purificação e iluminação, e mistagogia) e "os diversos ritos" são as etapas (rito de entrada no catecumenato, de eleição e a celebração dos sacramentos).

IC-SP1 Biblioteca
13.426 30/07/2021

Além do pedido de restauração do catecumenato, a *Sacrosanctum Concilium* (n. 66 e 71) pede a revisão do ritual de batismo de adultos e do ritual da confirmação: "Reformem-se os ritos do batismo de adultos [...], levando em conta a restauração do catecumenato"; "o rito da confirmação deve ser revisto no sentido de manifestar melhor conexão desse sacramento com o conjunto da iniciação cristã". Segundo Pe. Lelo (2005, p. 34), considerar a crisma como um sacramento de iniciação "significa não somente colocá-la no grupo dos sacramentos de nascimento do cristão, mas sistematizá-la no segundo posto, isto é, depois do batismo, enquanto dele depende ontologicamente e está orientada rumo à eucaristia". Busca-se, desse modo, a recuperação da unidade sacramental e da relação entre liturgia e catequese, perdidas no declínio do catecumenato com as razões históricas apontadas anteriormente.

Como o problema dos adultos que pedem o batismo coloca-se mais concretamente nas terras de missão, o último decreto do Concílio apresenta de forma mais sucinta o catecumenato dentro do quadro geral de iniciação cristã. O Decreto *Ad Gentes* sobre a atividade missionária da Igreja, promulgado no dia 7 de dezembro de 1965, apresenta um conceito de catecumenato que visa superar a compreensão de uma catequese meramente centrada no catecismo, na instrução: "o catecumenato não é mera exposição de dogmas e preceitos, mas uma formação de toda a vida cristã e uma aprendizagem efetuada de modo conveniente, por cujo meio os discípulos se unem com Cristo seu mestre" (*Ad Gentes,* n. 14). Superando a compreensão de catequese até então desenvolvida após a recuperação da instrução da fé na comunidade paroquial pelo Concílio de Trento, o decreto ainda fornece detalhadamente o modo de proceder em relação aos catecúmenos: "sejam convenientemente iniciados no mistério da salvação, na prática dos costumes evangélicos e com ritos sagrados, a celebrar em tempos sucessivos; sejam introduzidos na vida da fé, da liturgia e da caridade do Povo de Deus" (*Ad Gentes,* n. 14).

Essas indicações ajudam a incrementar a ação catequética da Igreja naquilo que é essencial: a vida de fé, iluminada pela Palavra de Deus, celebrada na liturgia e praticada no exercício das obras de caridade. O ideal e determinante nesse processo é o anúncio querigmático, a experiência comunitária, depois é que se apresenta a doutrina.

O decreto *Christus Dominus* (n. 44) sobre a função pastoral dos bispos na Igreja, promulgado em 28 de outubro de 1965, estabelece a elaboração de "um diretório para a instrução catequética do povo cristão, em que se trate dos princípios catequéticos fundamentais, da ordem das matérias e da confecção de livros nesse setor". Segundo o Pe. Lima (2016, p. 77), "seria muito mais rico 'instituição' do que simplesmente 'instrução'" (p. 77). Seguindo o mandato do decreto, a Congregação para o Clero promulgou, em 1971, o *Diretório Catequético Geral.* Deste Diretório surge uma catequese mais "eclesial, comunitária, cristocêntrica,

experiencial, antropológica [...]" (LIMA, 2016, p. 81). Em 1997, a mesma congregação atualizou o diretório para a catequese. Na segunda edição, intitulada *Diretório Geral para a Catequese,* apresenta "a catequese dentro do quadro maior da *evangelização* e, consequentemente, da iniciação à vida cristã (catecumenato) recolocando-a em seu lugar original, como nos primeiros séculos do cristianismo" (LIMA, 2016, p. 83).

Em 1972, foi promulgado o *Ritual da Iniciação Cristã de Adultos* (RICA), o documento oficial mais importante sobre o catecumenato. Não é um livro eminentemente catequético, mas teológico-litúrgico. O RICA busca "recuperar e contextualizar os elementos que se encontram na Igreja primitiva, de modo especial na Tradição Apostólica de Hipólito de Roma" (REINERT, 2015, p. 59). Os destinatários primeiros desse ritual são os adultos não batizados. Nele se encontram as celebrações de cada etapa do catecumenato. O rito para a admissão na comunhão da Igreja Católica dos convertidos já validamente batizados, que fora solicitado pela *Sacrosanctum Concilium* (n. 69), se encontra também no RICA.

Com a exortação apostólica *Evangelii Nuntiandi* do Papa Paulo VI, publicada em 1975, sobre a evangelização, reconhece que o catecumenato pode ser uma inspiração para as pessoas que receberam o batismo, mas não foram evangelizados: o primeiro anúncio "se torna cada vez mais necessário [...] para multidões de homens que receberam o batismo, mas vivem fora de toda a vida cristã" (PAULO VI, 2004, p. 62). Mais tarde em 1979, o Papa São João Paulo II publicou a exortação *Catechesi tradendae*, sobre a catequese no mundo de hoje. Esta exortação apostólica "leva mais em conta o catecumenato pós-batismal do que o pré-batismal e se fala mais de catequese de adultos do que de catecumenato" (FLORISTÁN, 1995, p. 156). No entanto, São João Paulo II mantém-se no horizonte de uma catequese de inspiração catecumenal.

### *2.2.2 As razões da restauração do catecumenato*

O primeiro motivo da restauração do catecumenato é a *mudança de época.* O contexto cultural hodierno sofreu várias transformações, exigindo da Igreja mudança de métodos na evangelização. O mundo atual é diferente da época de cristandade. Não se é mais cristão por tradição, mas por atração, por convicção. A mudança de época configura-se pelas "transições de valores e de atitudes" (MACHADO; BERTOLDI, 2015, p. 106). Os valores e as atitudes são determinados pela autonomia, liberdade e consciência do sujeito. As instituições não são mais as detentoras dos verdadeiros valores. Quem determina os valores é o indivíduo (subjetivismo).

A busca de autonomia do homem mudou radicalmente o modo de viver e de pensar do homem moderno e pós-moderno. Com o advento do subjetivismo, do hedonismo, da autonomia, a transmissão da fé é um dos grandes desafios atuais. A família não consegue mais transmitir a fé como nos tempos de cristandade, em que tinha bem claro a hierarquia de valores. O secularismo adentra cada vez mais os lares. Além disso, outras instituições estão assumindo o papel das famílias. Exemplo disso é o Estado quando assume a educação dos filhos, limitando o campo de ação da família.

Além do mais, o secularismo e o pluralismo, que afetam as pessoas, não permitem uma iniciação espontânea, como acontecia com o catecumenato social. Verifica-se também que a visão dos sacramentos, principalmente dos sacramentos de iniciação à vida cristã, está distorcida. Muitos pais pedem o batismo para seus filhos com uma mentalidade mágica dos sacramentos. Percebe-se que os jovens, em sua maioria, procuram o sacramento da Crisma apenas por uma questão cultural, sem nenhuma ligação com a comunidade. Com isso, após a recepção do sacramento não participam mais da Eucaristia nem da vida comunitária. Percebe-se que existem muitos cristãos batizados, mas não evangelizados.

A partir dessa leitura sumária da realidade, os bispos do Brasil, reunidos na 55ª Assembleia Geral, em Aparecida – São Paulo, no ano de 2017, afirmaram:

> essa complexa realidade [...] nos revela que a experiência de fé cristã se encontra hoje em uma espécie de estado generalizado de busca e de recomeço. Fica para trás um determinado modelo eclesial, marcado pela segurança da sociedade de cristandade e desponta um processo de renascimento de um modelo de Igreja pobre com os pobres, em saída missionária para as periferias geográficas e existenciais. É tempo de germinação, somos chamados a viver algo novo que nasce, por meio do impulso revitalizador do Espírito Santo, que renova a face da terra (CNBB, 2017, p. 34-35).

Por isso, é importante a inspiração catecumenal de toda forma de catequese. A pedagogia do catecumenato das primeiras comunidades cristãs pode contribuir para a iniciação na fé, nesse contexto de secularização e de pluralismo, de relativismo e de liquidez. Nos primeiros séculos, tornar-se cristão era uma opção. O contexto hodierno também coloca o ser cristão como uma das muitas opções que a pessoa humana pode escolher. Então, pode-se dizer que há uma similaridade entre a realidade atual com o momento histórico do início do cristianismo, quanto à escolha de seguir Jesus, de fazer parte da comunidade. Visto que a maioria das pessoas não nascia numa família cristã. Coisa semelhante acontece no contexto atual. Não se pode mais pressupor que as pessoas são evangelizadas na família, antes de participar da comunidade.

Portanto, cabe-nos iluminar essa realidade com a Palavra de Deus. Um dos textos paradigmáticos da Sagrada Escritura capaz de lançar luzes para a inspiração catecumenal da iniciação à vida cristã se encontra no Evangelho de João. É o diálogo de Jesus com a Samaritana (Jo 4,7-42). Além disso, a *Didaqué*, o catecismo dos primeiros cristãos, e a obra de Santo Agostinho, intitulada *De De Catechizandis Rudibus*, podem ajudar-nos nessa inspiração.

# 3 FUNDAMENTAÇÃO BÍBLICO-TEOLÓGICA DE UMA CATEQUESE COM INSPIRAÇÃO CATECUMENAL

Após ver o desenrolar histórico do catecumenato como processo de formação de novos cristãos, daremos, agora, uma fundamentação bíblica e teológica, a partir do encontro de Jesus Cristo com a Samaritana junto à fonte de Jacó relatado pelo evangelista João (4,7-42), e de dois documentos extremamente importantes para a catequese dos primeiros séculos, a *Didaqué* (Instrução dos Doze Apóstolos) e o *De Catechizandis Rubibus* (Primeira catequese aos não cristãos) de Santo Agostinho. Essas obras são importantes para compreender e, de alguma forma, adaptar a prática da catequese dos primeiros séculos para os dias atuais que pedem uma catequese com inspiração catecumenal.

## 3.1 O encontro de Jesus com a samaritana (Jo 4,7-42)

O Evangelho segundo São João é conhecido como o evangelho dos sinais, porque apresenta vários sinais realizados por Jesus ao longo de sua vida terrestre: a cura do filho do funcionário real (Jo 4,46-54), a multiplicação dos pães (Jo 6,1-15), Jesus que caminha sobre as águas (Jo 6, 16-21), a cura de um paralítico (Jo 5,1-18) e de um cego (Jo 9,1-7) e a ressurreição de Lázaro (Jo 11,1-46). Assim se expressa o evangelista João (20,30-31): "Jesus fez ainda, diante de seus discípulos, muitos outros sinais, que não se acham escritos neste livro. Esses, porém, foram escritos para crerdes que Jesus é o Cristo, o Filho de Deus, e para que, crendo, tenhais vida em seu nome".

O quarto evangelho possui uma esquemática própria. Nele se encontram diálogos e controvérsias. Estas geralmente são em relação ao pensamento dos fariseus, dos doutores da Lei, e se encontram nas seguintes passagens: Jo 2,13-22; 5,16-47; 7,14-24; 7,25-31; 7,32-39; 8, 12-20; 8,21-30; 8,31-59; 10,22-39. Enquanto que os diálogos acontecem "com Nicodemos (2,23 – 3,21), com a samaritana (4,7-42), com a multidão em Cafarnaum (6,24-59) e com as irmãs de Lázaro (11,17-44)" (TUÑÍ; ALEGRE, 1999, p. 45).

O documento dos bispos do Brasil sobre a iniciação à vida cristã, publicado em 2017, que é o nosso objeto de estudo, põe logo no capítulo primeiro o diálogo de Jesus com a samaritana. Essa atitude indica que o estudo será iluminado pela Palavra de Deus, que o ícone da Samaritana é um modelo paradigmático de um encontro que transformou vidas no passado e que pode transformar vidas no presente. O texto da Samaritana "mostra como um encontro com Jesus muda a própria vida e atinge outras vidas, porque quem descobre essa presença

salvadora não a guarda para si. Vai levá-la a outros" (CNBB, 2017, p. 20). Seguir-se-ão os seis passos apontados pelo documento supracitado, a saber: encontro, diálogo, conhecimento de Jesus, revelação, anúncio e testemunho.

*3.1.1 O encontro*

Jesus deixa a Judeia e retorna à Galileia. Segundo o evangelista João (4,4), "era preciso passar pela Samaria". "A expressão 'era preciso', quando empregada pelos evangelistas, aponta para um desígnio de Deus" (CNBB, 2017, p. 20). Na verdade, Jesus poderia chegar à Galileia sem passar pela Samaria. Haviam outros caminhos. Um dos caminhos mais frequentado, na época, era o vale do Jordão (LEÓN-DUFOUR, 1996, p. 260). Assim, pode-se dizer que Jesus passa pela Samaria por causa de sua missão.

Cansado da viagem num sol causticante, senta-se junto a um poço localizado nas proximidades da cidade de Sicar, por volta de meio-dia. A fonte era de Jacó. De repente aparece uma mulher com o objetivo de tirar água da fonte. Ao chegar ao poço, a mulher se depara com Jesus. O silêncio é rompido quando Jesus lhe faz um pedido: "Dá-me de beber" (Jo 4,7). Jesus rompe com a cultura, porque no tempo de Jesus a situação da mulher "era de exclusão social e, muitas vezes, de indigência" (PAROLI, 2018, p. 30), e com a tradição religiosa, porque os judeus não se davam bem com os samaritanos (Jo 4,9). Devido a essa situação a mulher questiona: "como, sendo judeu, tu me pedes de beber, a mim que sou samaritana?" (v. 9). Jesus supera essa visão cultural e religiosa: "a aceitação que um judeu demonstra em relação a uma mulher samaritana aparece como sinal da aceitação do homem por Deus" (FABRIS; MAGGIONI, 1998, p. 316). É digno de nota que nesse primeiro passo, a samaritana apenas reconhece em Jesus um judeu como os demais.

A razão pela qual os judeus desprezavam os samaritanos era histórica. Samaria pertencia ao Reino do Norte, que fora invadido pela Assíria em 722 a. C. O rei assírio, Sargon, deportou uma parte da população e trouxe povos babilônicos para repovoar a terra dos samaritanos. Essa situação é relatada pelo segundo livro dos Reis (17,24): "o rei da Assíria mandou vir gente de Babilônia, de Cuta, de Ava, de Emat e de Sefarvaim, e estabeleceu-os nas cidades da Samaria, em lugar dos israelitas [...]". O resultado dessa deportação foi a miscigenação racial e o sincretismo religioso. "Quando o sumo sacerdote judeu João Hircano (134-104) conseguiu reconquistar o país, a população local provinha de duas cepas, a judaica e a pagã" (LEÓN-DUFOUR, 1996, p. 261). Por isso, os samaritanos são considerados cismáticos e/ou heréticos pelos judeus.

Não obstante a adversidade, o pluralismo religioso e o contraste, Jesus se apresenta com sede. Tanto Jesus como a Samaritana vão ao poço porque tinham sede. Há um encontro da sede de Jesus com a sede da samaritana. Jesus pede água a fim de provocar e despertar na mulher uma sede mais profunda. A mulher tinha sede de Deus, como se verifica na discussão do lugar onde se deve adorar a Deus: se em Jerusalém ou no monte Garizim. Pode-se afirmar que "a sede de Jesus é o seu desejo de nos ver seguindo seu caminho" (CNBB, 2017, p. 21). Segundo Beutler (2015, p. 116), "a sede de Jesus pode ser entendida também como expressão de sua sede pela salvação da humanidade". Jesus quer que todos sejam salvos: "se alguém tem sede, venha a mim e beberá" (Jo 7,37). É a partir da sede, de uma necessidade física e existencial que Jesus abre o diálogo com a samaritana.

### *3.1.2 O diálogo*

O Evangelho de João é uma verdadeira catequese das primeiras comunidades. "Se conhecesses o dom de Deus e quem é que te diz: 'dá-me de beber', tu é que pedirias e ele te daria água viva!" (Jo 4,10). Com essa resposta de Jesus à samaritana, que havia estranhado um homem judeu dirigir palavras a uma mulher da Samaria, dá-se início ao "'diálogo de revelação' [...], 'iniciático' e inacessível aos não-iniciados" (KONINGS, 2000, p. 141). Nesse processo de iniciação à nova vida, Jesus oferece à mulher três possibilidades: o dom de Deus, a sua própria pessoa e a água viva.

Jesus propõe à samaritana o conhecimento de realidades ainda não perceptíveis por ela. O que o evangelista João entende por "conhecer"? Conhecer, para João, não é apenas saber uma informação, mas também "é experienciar, é viver o encontro pessoal, é deixar-se marcar pela presença da pessoa encontrada" (CNBB, 2017, p. 22). A samaritana "ainda não conhece outra água, a não ser aquela do poço. Por estar apenas no início do encontro, há mais perguntas do que percepções. [...] o 'dom' que ela conhecia era apenas aquele de Jacó [...]" (CNBB, 2017, p. 22).

O diálogo está apenas iniciando. A conversa de Jesus com a samaritana começa no versículo 7 e se estende ao versículo 26. Nos versículos de 7 a 15 é apresentado o diálogo de Jesus em torno do dom de Deus e da água viva. Para Tuya (1977, p. 359), "o 'dom de Deus' aqui é o expresso pela 'água viva'"[1]. Percebe-se na visão desse autor espanhol uma correlação entre o dom de Deus e a água ofertados à samaritana.

---

[1] "El 'don de Dios' aqui es eldon expressado por el 'agua viva'".

Quanto à água viva, segundo Tuya (1977, p. 361), "[...] sugere que possa ser o Espírito Santo no batismo [...], reflete um fundo de catequese batismal"[2]. Para Konings (2000, p. 142), o cristão já iniciado na fé da comunidade joanina sabe que a "'água viva' não é a água da mina no fundo do poço, mas a água do batismo e tudo o que o batismo significa. A samaritana não sabe. [...] ela representa os que estão sendo instruídos". Na visão desses autores, há uma catequese como pano de fundo desse diálogo. E como põe em relevo a água, matéria com a qual se realiza o batismo, deduz-se que seja um texto de iniciação à vida cristã da comunidade joanina.

A samaritana por não entender as palavras de Jesus, questiona: "Senhor, nem sequer tens vasilha e o poço é profundo; de onde, pois, tiras essa água viva?" (Jo 4,11). A mulher não compreendeu o que Jesus está a lhe dizer. Na verdade, "a mulher mostra que entende as palavras de Jesus de modo meramente físico, natural, sem contar com um sentido religioso mais profundo das palavras" (BEUTLER, 2015, p. 117). Jesus continua o diálogo, ainda sobre o tema da água viva. O diálogo vai se aprofundando pouco a pouco. Jesus agora propõe, indiretamente, à mulher o conhecimento de sua pessoa.

### *3.1.3 O conhecimento da pessoa de Jesus*

O terceiro passo consiste em conhecer Jesus Cristo. Para que a samaritana avance ainda mais no conhecimento das coisas do alto, Jesus lhe responde: "Aquele que bebe desta água terá sede novamente; mas quem beber da água que lhe darei, nunca mais terá sede. Pois a água que eu lhe der tornar-se-á nele fonte de água jorrando para a vida eterna" (Jo 4,13-14). Há uma inversão de doadores. No primeiro passo, quem se encontra na posição de doador é a samaritana. Neste passo, quem doa a água viva é Jesus. Jesus ao assumir a condição de doador, quer a superação de uma visão estagnada, parada, simbolizada pela água do poço. Quando Jesus traz a imagem de um poço jorrante, "há um sentido mais pronunciado de abundância, de transbordamento e de movimento" (CNBB, 2017, p. 23). Para León-Dufour (1996, p. 273), "se a fonte de Jesus jorra permanentemente, é para que seja saciada a sede mais profunda do homem – o desejo de participar da vida do próprio Deus".

Jesus consegue suscitar na mulher da Samaria o desejo de provar da água viva: "Senhor, dá-me dessa água, para que eu não tenha mais sede, nem tenha de vir mais aqui para tirá-la" (Jo 4,15). A promessa de vida certamente despertou na mulher a vontade de provar dessa água que

---

[2]"sugere que pueda ser elEspiritu Santo enelbautismo [...]. refleteunfondo de catequesisbautismal".

jorra. Por um lado, ela sentiu e percebeu que a oferta da água que jorra para a vida eterna diz respeito a ela pessoalmente. Por outro lado, ela "quer receber a água que Jesus lhe oferece, porém, por razões bem materialistas: para não precisar mais tirar água do poço" (KONINGS, 2000, p. 142).

Jesus propõe uma mudança de vida, para aqueles que desejam saborear a água viva, ter uma experiência com a sua pessoa e conhecê-lo. "Jesus disse: 'Vai, chama teu marido e volta aqui'. A mulher lhe respondeu: 'não tenho marido'. Jesus lhe disse: 'Falaste bem: 'não tenho marido', pois tiveste cinco maridos e o que tens agora não é teu marido; nisso falaste a verdade'" (Jo 4,16-18). Essa perícope reflete a ideia de que a fonte é um lugar de encontro entre esposos. As histórias de encontro de um homem e uma mulher junto a fontes no Antigo Testamento são histórias de amor. A Sagrada Escritura apresenta essa concepção, por exemplo, no encontro entre as filhas de Jetro e Moisés (Ex 2,16-22). À beira daquele poço, "Jacó havia encontrado a mulher de sua vida; a samaritana encontra-se com o Senhor, aquele que tem a água viva que jorra para a eternidade" (PAROLI, 2018, p. 31).

Quais eram os maridos da mulher?

> [...] os 'maridos' podem representar aspectos desviados (idolatrias) da religião praticada na Samaria. Isso faria parte da história de um povo que se distanciou de seu Deus, mas que, mesmo assim, busca-o com sinceridade. Os muitos ídolos não saciaram, e o povo voltou a 'ter sede'. Jesus apareceu na história daquela mulher/daquele povo, como a nova fonte, fonte de uma nova água (CNBB, 2017, p. 24).

Tendo por maridos realmente as nações implantadas pela Assíria no território da Samaria com seus cultos e suas divindades, o marido atual da mulher "poderia ser o próprio Império Romano que dominava a Samaria e regiões vizinhas neste período" (ARAÚJO, 2016, p. 243). O Imperador de Roma na época do escrito era considerado um deus. Então o marido atual da mulher não é o seu verdadeiro esposo. A mulher progride em seu conhecimento de Jesus e o reconhece como profeta (Jo 4,19). Os samaritanos acreditavam que "[...] só aos profetas era confiado revelar as coisas secretas" (BEUTLER, 2015, p. 120). Há uma progressão no conhecimento de Jesus: de um simples judeu, a samaritana se vê diante de um profeta. O diálogo progride e, no passo seguinte, Jesus revela à mulher da Samaria a sua verdadeira identidade.

*3.1.4 A revelação de Jesus*

O quarto passo consiste na revelação de Jesus sobre a sua messianidade. Contudo, Jesus não revela a sua identidade de forma abrupta. Antes da revelação de Jesus como Messias, a mulher introduziu o tema do lugar de culto a Deus. Diz a mulher: "Nossos pais adoraram nesta montanha, mas vós dizeis: é em Jerusalém que está o lugar onde é preciso adorar". Segundo Konings (2000, p. 143), "o monte Garizim se enxerga do lugar onde Jesus se encontra. 150 anos antes existia aí um templo, que foi destruído pelos judeus". E Jesus responde à mulher, dizendo:

> Acredita-me, mulher, vem a hora em que nem nesta montanha nem em Jerusalém adorareis o Pai. Vós adorais o que não conheceis; nós adoramos o que conhecemos, porque a salvação vem dos judeus. Mas vem a hora – e é agora – em que os verdadeiros adoradores adorarão o Pai em espírito e verdade, pois tais são os adoradores que o Pai procura (Jo 4,21-23).

Como se observa nessa fala de Jesus, há uma superação em relação à visão restrita do lugar de culto à Deus: se em Jerusalém, ou no monte Garizim. Supera-se a questão se os judeus ou os samaritanos estão corretos. "Pois o verdadeiro lugar de encontro com Deus não é o templo de Jerusalém, nem o do Garizim, nem qualquer outro, mas Jesus mesmo" (KONINGS, 2000, p. 143). Além disso, Jesus anuncia que o Pai procura adoradores verdadeiros, que superem essa visão exclusivista. A mulher parece sentir-se chamada a adorar o Pai em espírito e verdade. Quando fala de adoração em espírito não significa um culto subjetivista: "a adoração em espírito não é o culto interior, espiritualista, individual, contraposto ao culto externo e público" (FABRIS; MAGGIONI, 1998, p. 316-317). A verdade se refere à própria pessoa de Jesus Cristo, a revelação do rosto do Pai. Para Beutler (2015, p. 121), "trata-se do culto do tempo final".

Depois dessa discussão sobre o lugar da adoração a Deus e das palavras de Jesus sobre o verdadeiro culto, a samaritana avança um pouco mais e lembra do Messias que há de vir, "compreendera que suas palavras anunciavam dias de graça; eram os tempos messiânicos" (CNBB, 2017, p. 25). Assim, diz a mulher: "Sei que vem um Messias (que se chama Cristo). Quando ele vier, nos explicará tudo" (Jo 4,25). Essa frase indica a compreensão que os samaritanos tinham acerca do Messias. Para o povo samaritano, "como Moisés, o Messias será profeta e dará a conhecer toda coisa atualmente escondida. Mas, além de profeta e revelador, era esperado também como restaurador" (FABRIS; MAGGIONI, 1998, p. 317).

Então, Jesus percebe que o ambiente já está preparado para o anúncio e revela: "Sou eu, que falo contigo" (Jo 4,26). Com esta revelação, chega-se ao ápice do diálogo e do encontro. Constata-se que a samaritana "até então, falara do Messias. Agora fala diretamente com Ele,

em pessoa. O que antes era esperança mal definida, agora é presença, é pessoa encontrada" (CNBB, 2017, p. 25). Percebe-se uma progressividade no diálogo. Ao encontrar-se com Jesus, a samaritana o reconhece apenas como judeu, depois o tem como profeta, e agora Jesus se revela como Messias. Nisto consiste o anúncio, que é o passo seguinte.

### *3.1.5 O anúncio*

Maravilhada com a revelação de Jesus, a mulher deixa sua vasilha e corre para anunciar aos seus concidadãos o que tinha acontecido: "Vinde ver um homem que me disse tudo o que fiz. Não seria ele o Cristo?" (Jo 4,29). Encontra-se aqui o quinto passo: o anúncio da pessoa de Jesus Cristo. O Documento 107 da CNBB explica o significado dos verbos vir e ver e atualiza para nós, hoje, a mensagem desse diálogo e encontro frutuosos:

> Os verbos 'vir' e 'ver' apresentam uma verdade de fé, possível de ser conhecida somente através da experiência. De fato, aproximar-se de Jesus e 'vê-lo' é momento fundamental, indispensável, para a adesão amadurecida a ele. Não há outro caminho, a não ser o encontro pessoal, para tê-lo como Senhor. Isso valeu para aqueles samaritanos e continua valendo para nós hoje (CNBB, 2017, p. 26).

A samaritana não faz ainda uma profissão de fé, "mas sua pressa em alertar as pessoas da cidade mostra que ela entreviu a dignidade de Jesus" (LEÓN-DUFOUR, 1996, p. 288). Ela apenas levanta um questionamento, que também não é falta de fé, provocando a curiosidade dos demais samaritanos que "saíram da cidade e foram ao seu encontro" (Jo 4,30), isto é, foram encontrar-se com Jesus. Os samaritanos com essa atitude demonstram sua sede, "percebem, também eles, pelo anúncio daquela mulher, que algo de essencial lhes faltava" (CNBB, 2017, p. 27). Para aderir a Jesus Cristo, o texto aponta que é fundamental um encontro, um diálogo profundo e fecundo, que leva ao conhecimento de Jesus. Este se dá mediante a revelação consignada na Sagrada Escritura e por meio de outros modos de atuação de Deus desconhecidos por nós. O testemunho das pessoas, que se encontraram pessoalmente com Jesus, configura-se como um modo próprio de Deus atuar na história humana.

### *3.1.6 O testemunho*

O testemunho da mulher samaritana constitui o último passo desse diálogo amoroso com Jesus. Existem dois grupos de convertidos e de crentes: o primeiro por causa do testemunho da mulher: "Muitos samaritanos daquela cidade creram nele, por causa da palavra da mulher que dava testemunho: 'Ele me disse tudo o que fiz!'" (Jo 4,39). E o outro grupo por causa da

palavra de Jesus: "Bem mais numerosos foram os que creram por causa da palavra dele" (Jo 4,41). Creram porque fizeram um encontro pessoal e viveram uma experiência pessoal com o Messias esperado, que lhes revelaria tudo. Na verdade, ambos acreditaram por causa de Jesus: um grupo pelo testemunho dado pela mulher a respeito de Jesus e outro grupo pela experiência com a presença de Jesus.

Por causa do testemunho da mulher, "os samaritanos vieram até ele, pedindo-lhe que permanecesse com eles. E ele ficou ali dois dias" (Jo 4,40). João utiliza muito o verbo permanecer em seu evangelho. Nesta perícope, "'permanecer' indica continuidade, indispensável na alimentação da fé" (CNBB, 2017, p. 28). Certamente foram dias de ricas experiências, de escuta atenta aos ensinamentos de Jesus. "É de fato a partir de um testemunho que se chega à fé [...]. A fé da Igreja continua a se transmitir por esta via. Provindo de um encontro pessoal com Jesus, o testemunho leva o ouvinte a ouvir a Palavra, a fim de aprofundar a fé assim despertada" (LEÓN-DUFOUR, 1996, p. 299).

No anúncio aos seus compatriotas, a samaritana levanta um questionamento a respeito da identidade de Jesus, se ele não seria o Cristo. Após a convivência com Jesus é a comunidade que se torna portadora da boa notícia e anuncia à samaritana quem é Jesus: "Já não é por causa de teus dizeres que cremos. Nós próprios o ouvimos, e sabemos que esse é verdadeiramente o salvador do mundo" (Jo 4,42). Pode-se sintetizar esse movimento dessa forma: "ela lhes havia apresentado Jesus. A comunidade ajudou-a a reconhecer o Salvador do mundo. Aconteceu uma bela experiência de fé partilhada" (CNBB, 2017, p. 28). O caminho de crescimento na fé é pessoal. A proclamação "esse é verdadeiramente o salvador do mundo" é a profissão de fé dos samaritanos. No entanto, é no seio da comunidade que a pessoa faz a experiência profunda com Cristo e professa a sua fé, tal como aconteceu com a samaritana.

Afirmam os bispos do Brasil, no mais recente documento sobre a iniciação à vida cristã: "[...] entendemos que um processo consistente de Iniciação à Vida Cristã é indispensável ao tipo de missão que os novos interlocutores de hoje estão pedindo à nossa Igreja" (CNBB, 2017, p. 28). Pode-se concluir que esse encontro de Jesus com a samaritana é um protótipo desse processo consistente de iniciação à vida cristã. A progressividade é uma das características do processo iniciático: a samaritana vê em Jesus um simples judeu, depois um profeta, suspeita-se que seja o Messias, para, finalmente, reconhecê-lo como Salvador do mundo.

## 3.2 Didaqué, o primeiro catecismo dos cristãos

*Didaqué* é um termo grego que significa "instrução", "ensino". É um dos escritos cristãos mais antigos, contém poucas páginas. Foi escrito no século I d.C. Segundo Belinquete (2016, p. 39), "deve ter sido escrito, entre 70-90, segundo uns, e entre 90-100, segundo outros". A maioria dos estudiosos afirma que se trata de uma obra compósita de vários autores, portanto, sua autoria é desconhecida: "o nome 'Instrução dos Doze Apóstolos' lembra At 2,42 ('o ensinamento dos apóstolos'), mas é difícil que a obra tenha sido escrita por algum deles ou seja de um só autor" (STORNIOLO; BALANCIN, 1989, p. 3). A *Didaqué* ou *Doutrina dos doze apóstolos* foi encontrada "em 1873, por Ph. Bryennios, na biblioteca constantinopolitana do patriarca grego de Jerusalém, num manuscrito do ano 1056 [...]" (ALTANER; STUIBER, 1988, p. 89). Quanto ao seu local de origem pode ser a Síria ou Jerusalém. Trata-se de uma obra antiga de grande valor catequético para as primeiras comunidades cristãs.

Para Altaner e Stuiber (1988, p. 90), "tal doutrina destinava-se à instrução moral dos pagãos, desejosos de aderirem à Sinagoga como pessoas 'tementes a Deus' [...]. Pela inserção das palavras *diàtondó deka apostólon* no título e pela interpolação do trecho 1,3b-2,1, a doutrina recebeu caráter cristão [...]". De fato é um escrito ainda influenciado pelo modo de vida judaico. Isso pode ser verificado na celebração da Eucaristia, na qual as palavras ditas no momento da ceia cristã são similares às palavras pronunciadas pelos judeus em sua ceia pascal: "Tu, Senhor Todo-poderoso, criaste todas as coisas por causa do teu Nome, e deste aos homens o prazer do alimento e da bebida, para que te agradeçam. A nós, porém, deste uma comida e uma bebida espirituais, e uma vida eterna por meio do teu servo" (DIDAQUÉ, 1989, p. 22). Apesar de agradecer pelos frutos da terra que são consumidos na ceia assim como os judeus fazem, a novidade cristã se encontra no alimento espiritual. Esse e outros elementos garantem a sua autenticidade como escrito cristão.

A *Didaqué* "nos permite conhecer as origens do cristianismo, e principalmente nos dá uma ideia de como eram a iniciação cristã, as celebrações, a organização e a vida das primeiras comunidades" (STONIOLO; BALANCIN, 1989, p. 3). A primeira parte (capítulos I-VI) da *Instrução dos doze apóstolos* apresenta a doutrina dos dois caminhos, ou seja, uma instrução moral: "um é o caminho da vida, e o outro, o da morte" (DIDAQUÉ, 1989, p. 7). A segunda parte (Capítulos VII-X) constitui uma instrução litúrgica sobre o batismo e a eucaristia. Segundo Caspani (2013, p. 96), o início da segunda parte nos faz considerar os capítulos de I-VI "verdadeiras e próprias catequeses pré-batismais [...]". De fato, o capítulo VII expõe o modo como se realizava o batismo:

> Depois de ditas todas essas coisas, batizem em água corrente, em nome do Pai e do Filho e do Espírito Santo. Se você não tem água corrente, batize em outra água; se não puder batizar em água fria, faça-o em água quente. Na falta de uma e outra, derrame três vezes água sobre a cabeça, em nome do Pai e do Filho e do Espírito Santo (DIDAQUÉ, 1989, p. 19).

O sacramento do Batismo era precedido por uma catequese moral, na qual o catecúmeno era orientado, no caminho da vida, à vivência do amor: "em primeiro lugar, ame a Deus, que criou você. Em segundo lugar, ame a seu próximo como a si mesmo" (DIDAQUÉ, 1989, p. 7-8). É perceptível a semelhança com os ensinamentos de Jesus Cristo consignado na Sagrada Escritura: "se alguém lhe dá uma bofetada na face direita, ofereça-lhe também a outra face, e você será perfeito" (DIDAQUÉ, 1989, p. 8). Nos capítulos II e III, apresentam-se os desdobramentos do Decálogo referentes ao amor para com o próximo: "Meu filho, não seja cobiçoso de mulheres, porque a cobiça leva à fornicação. Evite falar obscenidades e olhar com malícia, pois os adultérios surgem de todas essas coisas" (DIDAQUÉ, 1989, p. 11). E recorda ao catecúmeno a importância da inserção na comunidade: "procure estar todos os dias na companhia dos fiéis, para encontrar apoio nas palavras deles" (DIDAQUÉ, 1989, p. 14).

No capítulo V, é apresentado o caminho que leva à morte: "[...] homicídios, adultérios, paixões, fornicações, roubos, idolatrias, práticas mágicas, feitiçarias, rapinas, falsos testemunhos, hipocrisias, duplicidade de coração, fraude, orgulho, maldade, arrogância, avareza, conversa obscena, ciúme, insolência, altivez, ostentação e ausência de temor de Deus" (DIDAQUÉ, 1989, p. 17). Se o caminho que leva à vida é de amor a Deus e ao próximo, o caminho da morte é o contrário. É a ausência do amor e presença de divisões, de brigas, de maldades.

A preparação remota para os sacramentos da iniciação à vida cristã acontecia mediante uma instrução moral, fundamentada na Sagrada Escritura. A preparação próxima se dava mediante a oração e o jejum: "Antes do batismo, tanto aquele que batiza como aquele que vai ser batizado, e se outros puderem também, observem o jejum. Àquele que vai ser batizado, você deverá ordenar jejum de um ou dois dias" (DIDAQUÉ, 1989, p. 20). O jejum era prescrito não só para os eleitos, mas também para os ministros que administravam o Batismo. "A instrução e o jejum mostram que o Batismo era administrado somente para as pessoas adultas" (STONIOLO; BALANCIN, 1989, p. 19). Quanto à oração, recomenda-se rezem a Oração do Senhor (Pai-Nosso) três vezes por dia (DIDAQUÉ, 1989, p. 20).

Além do sacramento do Batismo há uma referência clara à celebração da Eucaristia. Na celebração eucarística, faz a oração sobre o cálice e o pão partido (DIDAQUÉ, 1989, p. 21), depois recomenda-se o agradecimento depois da Eucaristia (DIDAQUÉ, 1989, p. 22). Além

disso, a Eucaristia não é apresentada de maneira isolada. Há uma relação entre os sacramentos da Eucaristia e do Batismo de modo que "ninguém coma nem beba da Eucaristia, se não tiver sido batizado em nome do Senhor [...]" (DIDAQUÉ, 1989, p. 21).

Compreende-se, portanto, que a *Didaqué* é um escrito catequético, pois visa instruir aqueles que se preparam para o Batismo e aponta elementos para a celebração da Eucaristia e para a vivência em comunidade, após a recepção do Batismo. Como foi apresentado no início deste capítulo de fundamentação, outro instrumento de apoio à nossa reflexão é o *De Catechizandis Rudibus,* de Santo Agostinho.

### 3.3 De Catechizandis Rudibus

O *De Catechizandis Rubibus* (Primeira catequese aos não cristãos) é uma obra de Santo Agostinho. Foi escrita num período de bastante fecundidade literária do bispo de Hipona, datando-se entre os anos 400 a 405. A obra é fruto de uma carta escrita por Deogratias, diácono e catequista de Cartago, pedindo à Agostinho que escrevesse algo sobre a iniciação cristã dos não cristãos, a fim de ajudá-lo na missão como catequista. Santo Agostino, que prontamente atendeu por seu zelo pastoral, expõe o conteúdo da carta que recebera do então diácono Deocratias, nesses termos:

> Dizes, porém, que quase sempre te questionas sobre a maneira mais fácil de transmitir aquilo que nos torna cristãos pela fé: por onde começar e até onde levar a narrativa; se, após terminada, seria necessário acrescentar alguma exortação ou apenas aduzir aqueles preceitos, que o nosso ouvinte, depois de observá-los, poderia abraçar a vida cristã e a profissão de fé. Contrariado, admitiste também já ter acontecido, muitas vezes, que tu mesmo ficaste abatido e entediado com teu discurso longo e sem vida; e que a mesma coisa acontecia, muito mais ainda, com aquele que instruías e com os outros que ouviam (AGOSTINHO, 2013, p. 69-70).

Para Belinquete (2016, p. 83) nesta obra Santo Agostinho "legou-nos um verdadeiro tratado de psicopedagogia catequística que revela bem o dom de um grande pedagogo, catequista e catequeta". Dada a limitação em discorrer todos os aspectos apontados pelo *Catechizandis Rubibus* sobre a iniciação à vida cristã, serão considerados apenas dois aspectos com os quais se preocupava Deogratias e que continuam sendo muito importantes para os tempos atuais: o conteúdo e o método da catequese e os interlocutores e a pessoa do catequista.

### *3.3.1 O conteúdo e o método da catequese*

O conteúdo da catequese é apresentado por Santo Agostinho em dois exemplos de instrução, um longo e outro mais breve. O conteúdo da catequese, para Santo Agostinho, consiste na História da Salvação. "O grande eixo da catequese agostiniana é a *narratio*, a narrativa. O candidato é inserido numa história de salvação. Contam-se fatos e dizeres da presença e ação de Deus na história do homem" (ROXO, 2013, p. 64). Assim, o conteúdo do pré-catecumenato são as ações de Deus ao longo da história relatadas pela Sagrada Escritura, que devem ser apresentadas ao candidato através da narração (*narratio*) desses eventos salvíficos. A interpretação da Sagrada Escritura feita por Agostinho é tipológica, ou seja, algumas pessoas, ações e acontecimentos do Antigo Testamento são vistos como figura de Jesus Cristo ou daquilo que aconteceria com Ele.

Segundo Paiva (1984, p. 11), "a *narratio* destina-se despertar a fé como fundamento da esperança e do amor [...]". Esse despertar precisa ser feito com jeito, delicadeza, a fim de tocar a vida e o coração daqueles que se apresentam para adquirir os rudimentos da fé cristã. Para tanto, Santo Agostinho adverte que não é preciso o catequista explicar com as suas palavras tudo o que se encontra na Sagrada Escritura, mas deve-se "abranger todas as coisas de modo resumido e geral, de tal maneira que escolhamos alguns dos fatos mais admiráveis, maravilhosos, que todos gostam de ouvir [...]" (AGOSTINHO, 2013, p. 74). Por isso, a narrativa, isto é, o anúncio deve abarcar somente o essencial.

Após a narrativa, Santo Agostinho pede que introduza a esperança da ressurreição. É o segundo eixo da instrução, chamado de *expositio* (exposição). É uma exposição sobre a ressurreição do corpo, a bondade do juízo final para os bons e a severidade do mesmo para os maus (AGOSTINHO, 2013, p. 83). Segundo Paiva (2014, p. 113), "o que se pretende com a *narratio* e a *expositio* é a *fides* dos ouvintes".

A fim de ajudar Deogratias a superar o desânimo, Agostinho (2013, p. 73) atesta a importância de catequizar com alegria: "os outros nos ouvem com muito mais prazer quando nós mesmos estamos contentes com o que fazemos. Pois a nossa alegria afeta a própria qualidade da nossa fala, que sai mais fácil e aceitável". A alegria é, portanto, um dos elementos essenciais para a transmissão da fé cristã, porque contagia os outros e expressa a alegria própria do ser cristão.

Como essa primeira catequese era dada aos pagãos que se apresentavam para serem cristãos e eles ainda não tinham uma ideia clara a respeito do cristianismo, Agostinho

recomenda que o catequista colha algumas informações a respeito da pessoa. Sobre isso escreve Agostinho (2013, p. 81):

> [...] seria útil aqueles que o conhecem informar-nos antes, em que estado de ânimo ele se encontra ou quais os motivos que o levaram a aceitar a religião. Se não houver ninguém que nos informe, ele mesmo deve ser interrogado, a fim de podermos começar a instrução a partir daquilo que ele responder.

Seria um exame de intenção daquele que se aproxima para ser instruído nas coisas elementares para ser cristão. A finalidade do exame de intenção era justamente começar a catequese a partir da história de vida e das motivações do candidato ao batismo. "A História da Salvação pessoal e a da humanidade estão em estreita relação com a experiência bíblica de salvação. Por isso, o catequista levará o homem que quer encontrar-se com Deus a primeiro encontrar-se a si mesmo" (PAIVA, 1984, p. 17). Desse modo, percebe-se a importância de uma catequese personalista, atenta ao ser humano em sua concretude, em sua realidade por mais dura e contrastante que seja ao modo de vida cristã. O catequista deverá esforçar-se por descobrir a ação de Deus na vida do catecúmeno. Para Paiva (1984, p. 18) "[...] Santo Agostinho tocou num princípio hoje teológica e psicologicamente caro à pedagogia catequética: 'o ponto de partida metodológico não é um núcleo querigmático, mas o homem em situação'". Assim, o destinatário ou interlocutor ligará a sua vida com os eventos salvíficos acontecidos no passado. Vimos o que Santo Agostinho falou sobre o conteúdo e o método, o outro aspecto a ser destacado são os interlocutores e a pessoa do catequista.

### *3.3.2 Os interlocutores e a pessoa do catequista*

O título original da obra traz o termo em latim *"rudibus"* ou *"rudes"*, que traduzido na língua portuguesa pode significar: "sem cultura, grosseiro, ignorante, estúpido". Contudo, o significado atribuído por Agostinho a esses termos não correspondem exatamente ao sentido de nossa língua vernácula. *"Rudes"*, para o bispo de Hipona, "eram simplesmente desconhecedores nos fundamentos da fé, não iniciados na prática cristã, qualquer que fosse a sua condição cultural ou social. São, portanto, os que se iniciam no estudo da fé cristã em vias de se fazer batizar, os debutantes no catecumenato" (ALVES, 2014, p. 105). Desse modo, os destinatários ou interlocutores da primeira catequese eram doutos e ignorantes, camponeses e citadinos; qualquer pessoa que sentisse a vontade e o chamado para ser cristão, para colocar-se a caminho no discipulado de Jesus Cristo.

Santo Agostinho apresenta uma diversidade de destinatários ou interlocutores da mensagem cristã comunicada pelo catequista de seu tempo. O bispo de Hipona oferece uma lista de diferentes interlocutores:

> Visto que estamos tratando da instrução daqueles que deve ser iniciados na fé cristã, dou testemunho da minha própria experiência, que eu mesmo me comporto desta ou daquela maneira quando vejo diante de mim, para ser catequizada, uma pessoa erudita, um incapaz, um cidadão, um peregrino, um rico, um pobre, um cidadão privado, uma pessoa de posição com algum cargo, um homem desta ou daquela nação, desta ou daquela idade ou sexo, desta ou daquela seita, um que vem deste ou daquele erro popular. De acordo com a diversidade dos meus sentimentos, o discurso é encaminhado, desenvolvido e encerrado (AGOSTINHO, 2013, p. 104-105).

Desse testemunho pessoal pode-se apreender uma lição: não se deve desconsiderar a pessoa em sua individualidade, mas sim considerá-la de acordo com a sua condição social, cultural, econômica. Deve-se adaptar a maneira de repassar a mensagem cristã ao contexto do destinatário.

Segundo Alves (2014, p. 119), "o que mais preocupa Agostinho é o distinto nível de formação humana dos ouvintes, porque é o elemento que mais condicionará o planejamento e o desenrolar da catequese". Quanto às pessoas cultas que se apresentam para serem cristãs, Santo Agostinho (2013, p. 85) recomenda ao diácono Deogratias brevidade na exposição do conteúdo da fé, de modo que elas se percebam como diante de uma revisão das coisas já sabidas, e interrogação a respeito dos motivos pelos quais as levaram a querer ser cristãs e sobre as obras já lidas, se de um herege, devem ser orientadas cuidadosamente na reta doutrina. Quanto aos gramáticos e oradores, considerados arrogantes por conhecer muitas coisas, Santo Agostinho (2013, p. 87) pede que sejam aconselhados a se revestirem de humildade cristã, a não menosprezar os que evitam mais os vícios de comportamento que os de linguagem. Quanto aos ignorantes, que constituíam grande parte do povo, Santo Agostinho reserva para eles a catequese mais longa, na qual expõe cuidadosamente as etapas da História da Salvação.

A fim de catequizar esses tipos de destinatários, o catequista precisa de uma espiritualidade própria e estar bem consigo mesmo. Por isso, "Agostinho [...] preocupa-se com a condição, a psicologia, o estado de ânimo com que realiza o seu trabalho" (ALVES, 2014, p. 126). Dessa preocupação surge o elenco das possíveis razões do tédio, sentido por Deogratias em sua tarefa de transmitir a fé aos pagãos. O tédio pode surgir quando o candidato não entende a fala do catequista. Para superá-lo, Agostinho (2013, p. 91) propõe "demorar, com mais simplicidade, numa articulação lenta das sílabas". Outra causa do tédio pode ser a repetição de coisas já conhecidas pelo catequista. O remédio para superação disso é "invocar o Senhor no

coração, já que se aceitará com alegria que Ele fala pela boca do catequista" (ALVES, 2014, p. 132).

Outro motivo da desmotivação do catequista pode ser a impassibilidade do ouvinte, "seja porque amarrado por temor religioso, não ousa dar sinais de aprovação com a palavra ou com algum gesto do corpo, ou porque está oprimido pela vergonha humana" (AGOSTINHO, 2013, p. 96). Recomenda-se um diálogo a respeito do conteúdo exposto, a fim de criar um clima de familiaridade entre o catequista e o simpatizante e afastar dele a vergonha, a timidez. Pode acontecer que o catequista esteja com baixa autoestima por algum pecado cometido ou por algum escândalo de alguém da comunidade. Desse modo não consegue expor de maneira serena e tranquila o conteúdo a ser desenvolvido. Para superar essa tristeza, o catequista deve-se alegrar pela ocasião de praticar um ato de misericórdia em reparação à falta cometida (AGOSTINHO, 2013, p. 102).

Além dessas orientações que tocam profundamente a pessoa do catequista, Belinquete (2016, p. 83) chama a atenção para aspectos que fazem parte da espiritualidade do catequista, apresentados por Santo Agostinho no *De Catechizandis Rudibus*: "o catequista deve situar-se numa relação de simpatia, de apreço, estima com o conteúdo da sua mensagem que é fonte de alegria e de felicidade; o catequista deve procurar encarnar Deus que por ele se comunica aos catecúmenos". De fato o relacionamento humano existente entre o catequista e o candidato ao batismo, ou daqueles que se aproximam do cristianismo para conhecê-lo, exige uma espiritualidade que deve ser cultivada a partir de seu próprio exercício, colocando-se à escuta da Palavra de Deus. Numa busca constante de um clima fraterno e aprazível, visto que a caridade, o amor de Deus pelo homem é o princípio catequético por excelência, "pois não existe maior convite para amar do que ser amado antes" (AGOSTINHO, 2013, p. 77).

Sendo assim, como vimos no texto de Jo 4,7-42, o encontro com Jesus se dá mediante uma necessidade humana, que, no caso da Samaritana, foi a sede. Isso indica que Jesus dialoga conosco a partir de nossa vida. O encontro com Jesus é transformador. Faz-nos testemunhas de sua pessoa, anunciadores de sua Palavra. A alegria produzida pelo encontro pessoal com Jesus não deveria ficar apenas no recôndito do nosso coração. Pelo contrário, de acordo com o *De Catechizandis Rudibus* existem vários interlocutores ansiosos para acolher o anúncio alegre e cativante. Por isso, o catequista precisa, antes de tudo, fazer a experiência pessoal com Cristo, para depois anunciá-lo. Como foi visto, a *Didaqué* nos fornece alguns dados sobre a realidade dos primeiros cristãos em relação à iniciação cristã, à celebração da Eucaristia. O *De Catechizandis Rudibus,* a *Didaqué*, e o texto de Jo 4,7-42 são fundamentais para a compreensão

da iniciação à vida cristã com inspiração catecumenal, seguindo as etapas e tempos propostos pelo RICA.

# 4 INICIAÇÃO À VIDA CRISTÃ, UMA INSPIRAÇÃO CATECUMENAL

A iniciação à vida cristã de inspiração catecumenal é uma proposta assumida pela Igreja no Brasil. O *Diretório Nacional de Catequese* afirma que "é a inspiração catecumenal que deve iluminar qualquer processo catequético" (CNBB, 2006, p. 51). Essa inspiração no catecumenato de adultos não se opõe à catequese doutrinal. Segundo Pe. Lima (2014, p. 21, grifo do autor), "a proposta de uma catequese de dimensão catecumenal dá importância também ao ensino doutrinal, sem transformá-lo no elemento mais importante. Seria um erro fazer oposição entre uma *catequese renovada*, sobretudo catecumenal, e uma *catequese doutrinal*". A inspiração catecumenal, além da dimensão doutrinal, valoriza outras duas dimensões: a catequese bíblica e mistagógica.

A inspiração no RICA levará o processo catequético a:

> integrar a comunidade; relacionar-se ao mistério pascal e ao ano litúrgico; unir fé, liturgia, vida e oração; incluir etapas definidas, ritos, símbolos e sinais, especialmente bíblicos e litúrgicos; relacionar melhor os sacramentos do Batismo, da Crisma e da Eucaristia; e dialogar com a cultura local (CNBB, 2017, p. 59).

A fim de aprofundar a proposta de inspiração catecumenal para a catequese, é oportuno, verificar o significado do termo "iniciação" e "iniciação à vida cristã" e trazer presente os sujeitos e destinatários da iniciação cristã. Além disso, cabe uma referência à relação profunda existente entre liturgia e catequese, superando o "divórcio" ocorrido ao longo da história da Igreja. A ligação entre catequese e liturgia verifica-se nos tempos e etapas do itinerário catecumenal, principalmente, na celebração dos sacramentos de iniciação à vida cristã (Batismo, Crisma e Eucaristia), que embora celebrados, em nossa prática pastoral, de modo separado, conservam a unidade entre si.

## 4.1 Iniciação à vida cristã

Não é comum em nosso cotidiano, alguém fazer referência ao termo "iniciação". Esta palavra soa estranho para nós hoje, porque foi uma linguagem bastante utilizada no início do cristianismo, mas que no decorrer da história foi deixada de lado. Desse modo, dizer que alguém foi iniciado na fé cristã ainda é algo desconhecido para muitas pessoas que participam de uma comunidade, de grupos, de movimentos, em nossas comunidades. No entanto, o termo "iniciação" está retornando para o nosso vocabulário, devido à inspiração catecumenal de toda a vida pastoral das comunidades, principalmente, da catequese.

Embora este termo não seja habitual, os Bispos do Brasil lembram que, ao longo da vida, a pessoa humana é iniciada em algo. Isso acontece principalmente "quando algo vai mudar em sua vida, por exemplo: na preparação profissional, na adaptação do migrante a uma nova cultura, no treinamento esportivo, na vivência da criação de filhos" (CNBB, 2107, p. 46). A prática iniciática é uma constante na vida do ser humano. O processo de iniciação à vida cristã com inspiração catecumenal recupera a terminologia, dando-lhe um significado preciso.

### *4.1.1 Significado*

Etimologicamente, "iniciação" "provém do latim 'in-ire', ou seja, ir bem para dentro" (CNBB, 2009, p. 35). Segundo Pe. Lelo (2005, p. 28), o vocábulo "iniciação" "sugere, ainda, a ideia de introduzir alguém em algo e serve para designar os ritos mediante os quais 'se entra' na associação mistérica, participando dos benefícios e da salvação que derivam de tal ingresso". Associação mistérica? Sim! Desde a antiguidade, existiam religiões mistéricas: "a iniciação mistérica se dava em numerosos cultos da antiguidade, cuja presença é constatável do século VII a.C. até o século IV d.C." (LELO, 2005, p. 28). Assim, o culto cristão foi confundido no início com os cultos mistéricos, principalmente, com o culto de Mitra[3]. Nestes cultos somente participavam os iniciados. Aos não iniciados era vedada a participação.

Ao conceito etimológico, o *Dicionário de Catequética* complementa: "o termo *iniciação* designa a introdução de uma pessoa em determinado grupo humano, associação ou religião, e indica um conjunto de ensinamentos e de ritos encaminhados a produzir uma mudança radical na pessoa iniciada" (GUILARTE, 2004, p. 605, grifo do autor). A partir desta definição, a iniciação comporta dois elementos importantes. O primeiro é a introdução a um determinado grupo de pessoas. O segundo são os ritos pelos quais se dá essa introdução. Esses elementos também fazem parte da iniciação à vida cristã.

Além disso, pode-se definir a iniciação numa religião "como um caminho progressivo, por meio de etapas, de ritos e de ensinamentos, que visam realizar uma transformação religiosa e social do iniciado. A iniciação equivale ao ingresso em uma vida nova, a uma mudança existencial [...]" (CNBB, 2017, p. 46). O mesmo acontece em relação à vida cristã. O iniciado na vida cristã passa por um processo gradual, em etapas, constituído de ritos, de mudança

[3] O culto a Mitra é de origem persa. Os romanos o adotaram e tornou-se o principal oponente do Cristianismo, nos séculos III e IV. Os seus adoradores entravam em contato com a divindade mediante o sacrifício de um touro. Os iniciados eram vedados e levados diante do altar. Chegando ao altar era-lhes imposta uma coroa, a qual deveriam renunciar, oferecendo o sacrifício a Mitra. Este é o deus das religiões de mistério, chamado também de Sol invicto (*Sol invictus*) (LELO, 2005, p. 28)

interior, de conversão. Além do mais, a iniciação à vida cristã visa um estatuto novo para o indivíduo, que o alcança mediante a conversão progressiva ao longo do caminho e através dos sacramentos de iniciação à vida cristã (Batismo, Crisma e Eucaristia). Desse modo, pode-se entender por iniciação à vida cristã "a incorporação do candidato, mediante os três sacramentos de iniciação, no mistério de Cristo, morto e ressuscitado, e na comunidade da Igreja, sacramento de salvação [...]" (GUILARTE, 2004. p. 605).

Existe ainda uma outra consideração importante! Por iniciação à vida cristã "'se entende todo o processo pelo qual alguém é incorporado ao mistério de Cristo Jesus; portanto não se reduz à catequese. Essa é apenas um elemento do complexo processo pelo qual alguém é iniciado na fé cristã'" (LIMA apud REINERT, 2015, p. 21-22). Percebe-se que há diferença entre catequese e iniciação à vida cristã. Esta é mais ampla e inclui um itinerário bem definido. Aquela é uma etapa do itinerário percorrido no processo de iniciação na fé.

A partir dessas definições de iniciação à vida cristã, percebe-se que há dois sentidos de iniciação: um ontológico, outro processual. A iniciação ontológica considera os sacramentos de iniciação à vida cristã "a mediação indispensável, [...] para que aconteça a 'iniciação ontológica', por meio da qual a pessoa é colocada em seu todo espiritual, psicológico, corporal, relacional e cósmico em comunhão com a Santíssima Trindade" (NERY, 2014, p. 29). A iniciação processual fundamentada na antropologia considera o ser humano em crescimento e "implica uma série de iniciativas formativas processuais que nos acompanham ao longo da vida em nosso caminhar rumo à santidade modelo, à perfeição modelo, ao próprio Deus-Amor" (NERY, 2014, p. 29). Não dá mais para, chegando à celebração dos sacramentos, estacionar a vida de fé. Caso contrário continuaremos com uma Igreja sacramentada e sacramentadora, sem atingir a vida pessoal das pessoas.

O *Documento de Aparecida*, resultado da V Conferência do Episcopado Latino Americano e Caribenho realizada em 2007, pede a transformação do modelo pastoral vigente (pastoral de conservação) para assumir um novo jeito de ser Igreja a partir de uma conversão pastoral. Assim, "nenhuma comunidade deve isentar-se de entrar decididamente, com todas as forças, nos processos constantes de renovação missionária e de abandonar as ultrapassadas estruturas que já não favoreçam a transmissão da fé" (CELAM, 2008, p.168). A conversão pastoral passa necessariamente pela mudança de métodos na transmissão da fé. Os Bispos latino-americanos conclamam as comunidades para assumir a iniciação cristã como nova forma de transmissão da fé. Para os bispos reunidos em Aparecida, a iniciação à vida cristã "refere-se à primeira iniciação nos mistérios da fé, seja na forma do catecumenato batismal para os não-

batizados, seja na forma do catecumenato pós-batismal para os batizados não suficientemente catequizados" (CELAM, 2008, p. 135).

A iniciação para as pessoas batizadas, mas não evangelizadas, configura-se como uma reiniciação à vida cristã. Esta pode ser entendida como nova evangelização. Para Floristán (1995, p. 33), a nova evangelização é destinada "aos batizados – quer afastados, não praticantes ou indiferentes – para que personalizem a fé que inconscientemente receberam com o sacramento". Por isso, a proposta de retomada do processo catecumenal antigo, condensado pela reforma litúrgica conciliar no RICA, requer não fazer "uma cópia do passado, mas de modo criativo e inculturado" (CNBB, 2001, p. 68). Isso supõe que os interlocutores ou sujeitos da ação evangelizadora, do momento atual, são diferentes daqueles do catecumenato antigo.

Por fim, segundo o documento 107, da CNBB (2017, p. 60), "[...] a expressão 'iniciação à vida cristã' se refere tanto ao caminho catequético catecumenal de preparação aos sacramentos, quanto aos próprios sacramentos que marcam a iniciação e a vida nova que deles nasce" (n. 124, p. 60). Nesse sentido, não se pode ignorar os sacramentos de iniciação cristã, valorizando apenas o itinerário organizado em tempos e etapas; nem focar apenas nos sacramentos, suprimindo algumas partes do caminho de iniciação à vida cristã. Tendo posse do significado de iniciação, passaremos para os sujeitos e interlocutores.

### *4.1.2 Sujeitos e interlocutores*

O documento de estudo da CNBB (n. 80), *Com adultos, catequese adulta,* aponta que "toda pessoa – adulto, jovem ou criança que não seja suficientemente *iniciada na fé* (em seu sentido profundo) – deverá ser destinatária da catequese" (CNBB, 2001, p. 69). Utiliza-se ainda o termo "destinatário". Enquanto que o documento 107, *Iniciação à vida cristã: itinerário para formar discípulos missionários*, faz uma consideração importante: "que os interlocutores da ação pastoral não são destinatários, mas sujeitos do processo" (CNBB, 2017, p. 66). Vejamos os sujeitos e interlocutores da iniciação à vida cristã.

a) A comunidade cristã

O sujeito principal da iniciação à vida cristã é a comunidade eclesial. Segundo Gopegui (2005, p. 332), "sem negar o ministério específico dos catequistas para as diversas idades, a comunidade eclesial – paróquia ou comunidade de base – deve tomar consciência de ser ela, como um todo, o sujeito da catequese". Não só da catequese, mas também de todo o processo

de iniciação. É a comunidade cristã que acolhe quem dela se aproxima em busca do encontro pessoal com Jesus Cristo. A iniciação com inspiração catecumenal exige a participação ativa de toda a comunidade. A vivência da fé e o testemunho de seus membros são extremamente importantes para a conversão, a adesão a Jesus Cristo, e o crescimento na fé das pessoas que empreendam um caminho de seguimento a Cristo.

A comunidade "é responsável pelo rosto que a Igreja vai apresentar a quem dela se aproxima. O processo de iniciação à vida cristã requer a acolhida, o testemunho, a responsabilidade da comunidade. Quem busca Jesus precisa viver uma forte e atraente experiência eclesial" (CNBB, 2017, p. 53). Desse modo, precisa-se de comunidades acolhedoras. Independentemente, da situação de quem dela se aproxima, os membros da comunidade devem acolher a pessoa como uma mãe acolhe um filho.

Os que procuram a comunidade é porque querem ser acolhidos, a procuram para saciar sua sede, assim como a samaritana. A Igreja, enquanto comunidade concreta, formada por pessoas, precisa oferecer-lhes a Água Viva, Jesus Cristo, a fim de saciar a sede das pessoas. Dentre estas sedes, se encontram: a sede de felicidade, de paz, de justiça, de acolhida, de convivência fraterna, de escuta etc.

Além do mais, o RICA (n. 4) coloca que o lugar da iniciação à vida cristã das pessoas não batizadas, isto é, dos catecúmenos, é a comunidade eclesial: "a iniciação dos catecúmenos processa-se gradativamente no seio da comunidade dos fiéis [...]". A comunidade participa com a sua oração pelos catecúmenos e catequizandos, através dos ritos de passagem celebrados na presença da comunidade reunida na celebração eucarística. A comunidade, além de acompanhar os catecúmenos e catequizandos, também é catecúmena, visto que está em processo constante de conversão.

b) A família

A comunidade cristã é constituída de famílias. Os pais têm a importante missão de educar os seus filhos cultural e cristãmente. Por isso, a família é um espaço de iniciação à vida cristã. Para os Bispos do Brasil, "a família é chamada a ser lugar de iniciação, onde se aprende a rezar e a viver os valores da fé. Aos pais cristãos cabe a primeira responsabilidade pela formação de seus filhos no seguimento de Jesus Cristo" (CNBB, 2017, p. 84). O Papa Francisco (2016, p. 74), na Exortação Apostólica pós-sinodal sobre o amor na família (*Amoris Laetitia*), aponta que a iniciação cristã é uma forma de ajudar as famílias na educação dos filhos: "a Igreja

desempenha um papel precioso de apoio às famílias, a começar pela iniciação cristã, através de comunidades acolhedoras".

Segundo o Diretório Nacional de Catequese (CNBB, 2006, p. 135), "não se pode imaginar uma catequese com jovens, adolescentes e crianças sem um trabalho específico com os pais". Desse modo, pode-se "apresentar um itinerário de formação cristã com adultos para os pais e demais familiares das crianças, dos adolescentes e dos jovens que participam do processo catequético. Essa pode ser uma excelente oportunidade para reforçar a fé das famílias e integrá-las à comunidade" (CNBB, 2017, p. 85). Outra ocasião propícia para a evangelização da família e oportunidade de iniciação é a preparação de pais e padrinhos para o batismo de crianças:

> mais do que um 'curso para pais e padrinhos', de efeitos muito limitados, é ocasião para um acompanhamento personalizado da família. Os catequistas de Batismo visitam a família para acolher suas motivações e anunciar o amor de Deus, revelado em Jesus Cristo (querigma). Esse acompanhamento visa renovar a fé da família e integrá-la à comunidade (CNBB, 2017, p. 84).

Outra forma de iniciar às famílias na fé e no seguimento de Jesus Cristo é através de uma preparação matrimonial com itinerário catecumenal, "que forneça aos noivos os elementos necessários para poderem celebrar o Matrimônio com as melhores disposições e iniciar com certa solidez a vida familiar" (CNBB, 2017, p. 85). Para que esse itinerário produza frutos, é preciso que a comunidade acompanhe antes, durante e depois da celebração do Matrimônio. Um casal de noivos bem acolhido na Igreja pode tornar a sua família uma verdadeira igreja doméstica, na qual se ensina e se vive os valores cristãos.

c) Os adultos

Existem três tipos de interlocutores adultos, cujo processo de inspiração catecumenal é destinado. O primeiro se refere aos adultos não batizados, que em nossas comunidades não são muitos, mas têm crescido. Estes são os destinatários do RICA. Os adultos "que, iluminados pelo Espírito Santo, ouviram o anúncio do mistério de Cristo e, conscientes e livres, procuram o Deus vivo e encetam o caminho da fé e da conversão". O segundo tipo são os batizados não praticantes. Estes participam geralmente da comunidade em algumas ocasiões: por exemplo, missa de corpo presente, em alguns sacramentos como batismo e matrimônio de algum parente. Existe um grande número de adultos batizados, mas não evangelizados nem iniciados na fé, chamados de "católicos não praticantes" ou de "católicos afastados". São a estes tipos que, "*de modo especial, a catequese de iniciação precisa se dirigir*" (CNBB, 2001, p. 69, grifo do autor).

Por fim, os adultos batizados e praticantes que precisam reiniciar em sua fé. Eles possuem prática religiosa, frequentam a Igreja, mas são insuficientemente iniciados na fé. "Para todos esses seria necessária uma catequese de inspiração catecumenal, que complete sua iniciação, a fim de que cheguem a uma fé viva, esclarecida, partilhada e comprometida" (CNBB, 2009, p. 66).

A razão pela qual o adulto busca a iniciação à vida cristã é a procura pelo "sentido da vida, do mundo, da morte, que não encontra em si e nas propostas do mundo." (CNBB, 2017, p. 86). A comunidade eclesial é chamada a apontar o sentido da vida de todas as pessoas que a procuram para encetar o caminho de retorno à Igreja e à Jesus Cristo. A comunidade deverá mostrar que o sentido da vida se encontra numa pessoa, em Jesus Cristo, através de um itinerário de iniciação à vida cristã.

A fim de colocar em prática a iniciação à vida cristã com inspiração catecumenal, a Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB) publicou em 2014 o *itinerário catequético*. Nele se encontram algumas informações para a implantação da catequese com inspiração catecumenal. Em relação aos adultos, traz dois modelos de itinerários: "um para adultos catecúmenos e outro para os adultos que já foram batizados e iniciados na vida de fé, mas desejam voltar à vida comunitária de forma mais comprometida" (CNBB, 2015, p. 70).

d) Os adolescentes e jovens

O período da adolescência é caracterizado pelo "desejo de liberdade, de pensamento e ação, de autonomia, da autoafirmação, de aprendizagem do inter-relacionamento na amizade e no amor" (CNBB, 2006, p. 138). Enquanto a juventude é caracterizada pela fase de tomada das grandes decisões no campo profissional, vocacional etc. Nesta fase, frequentemente, é notável também "o afastamento e a desconfiança em relação à Igreja" (CNBB, 2006, p. 135). Diante desse desafio, a comunidade precisa acolher bem os jovens, a fim de garantir a continuidade da caminhada eclesial.

Um dos desafios para a iniciação à vida cristã dos adolescentes e jovens reside "no modo de apresentar-lhes Jesus como alguém que vale a pena ser seguido, como um amigo muito próximo, Mestre e Senhor de sua vida" (CNBB, 2017, p. 87). O que pode ajudar na superação desse desafio é a entrada em seu mundo, em sua maneira de agir, e a utilização da linguagem própria dos jovens e adolescentes. Uma dessas linguagens é a digital. Atualmente, a mídia, as redes sociais podem ser instrumentos eficazes na transmissão do evangelho. Recomenda-se "trabalhar com os jovens, contudo, o fato de que a riqueza da nova cultura digital não substitui

a beleza do encontro, da proximidade e da convivialidade presencial que são essenciais na família, na sociedade e na comunidade" (CNBB, 2017, p. 87).

e) As crianças

Em relação às crianças que procuram a iniciação à vida cristã, encontramos dois grupos. No primeiro, encontram-se as crianças não batizadas inscritas na catequese. Para elas, "é necessário um catecumenato batismal, adaptado à sua idade, e sem pressa de chegar aos sacramentos de iniciação. O importante é a adesão a Jesus Cristo e a personalização do ato de fé" (CNBB, 2009, p. 68). O RICA prevê no capítulo V (quinto) um itinerário para essas crianças. Como "[...] as crianças que vão ser iniciadas pertencem geralmente a um grupo de companheiros já batizados que se preparam para a Confirmação e a Eucaristia, de modo que a iniciação se faz progressivamente e baseada no próprio grupo catequético" (RICA, n. 308). O mesmo ritual pede que os tempos e as etapas sejam obedecidos, de sorte que as crianças recebam os sacramentos de iniciação à vida cristã na Vigília Pascal.

Pertencem ao segundo grupo as crianças batizadas, seguindo o processo tradicional de iniciação cristã. Neste processo como no anterior para as crianças não batizadas, "devem predominar a convivência em clima de fé, o amor como caminho para a experiência do transcendente e a relação do que lhe é comunicado sobre Deus com a vida prática" (CNBB, 2017, p. 88). As crianças são sensíveis. Trazem consigo afetos e desafetos, mágoas e dramas. Isso exige uma catequese personalizada, na qual "o catequista precisa conhecer e ouvir cada criança para descobrir o melhor modo de cumprir sua missão" (CNBB, 2006, p. 140).

f) Os grupos específicos

As pessoas com deficiências precisam ser incluídas no processo de iniciação à vida cristã. Para acolhê-las na caminhada recomenda-se "escutar a própria pessoa, procurando saber como ela habitualmente realiza suas atividades na vida diária, em casa, na escola e em outros ambientes" (CNBB, 2017, p. 89). Além disso, não se pode criar uma turma específica para pessoas com deficiência. Essas pessoas precisam ser inclusas e acolhidas junto com os demais catecúmenos e/ou catequizandos.

O documento 107 pede que tenhamos uma atenção especial aos demais grupos, tais como: "afro-brasileiros, indígenas, quilombolas, ribeirinhos, ciganos, migrantes" (CNBB, 2017, p. 90). Além desses grupos, existem pessoas que vivem situações específicas de

fragilidade como: "doentes, portadores de HIV, pessoas prostituídas, presidiários, toxicodependentes, divorciados, recasados, homoafetivos [...]" (CNBB, 2017, p. 91).

A fim de iniciar na fé esses diversos grupos existentes em nossa realidade brasileira, propõe-se um itinerário inspirado no RICA. Tal itinerário está organizado em tempos e etapas, de modo que durante o processo liturgia e catequese andem de mãos dadas. Superando-se, desse modo, o "divórcio" entre liturgia e catequese.

## 4.2 Liturgia e catequese

A liturgia e a catequese andam de mãos juntas no itinerário de inspiração catecumenal destinado para adultos, crianças, adolescentes e jovens batizados ou não batizados. Entretanto, houve no passado uma separação entre a vivência da fé na liturgia e o ensino da doutrina. A catequese foi reduzida a conceitos: "lista de mandamentos, de pecados, de obras de misericórdia, definições doutrinais [...]. A liturgia, por sua vez, transformou-se, para o povo, numa grande farmácia, tendo os sacramentos como remédios e os padres como 'médicos' credenciados para a função" (PAIVA, 2008, p. 39-40). Assim, a catequese perdeu aos poucos o espírito comunitário, a centralidade do Mistério Pascal, o vigor do testemunho e o caráter de iniciação à vida de fé.

Para superar a separação entre catequese e liturgia, tão visível em nossa prática pastoral, é preciso retornar à união entre "catequese, compreendida como ensino e doutrina, e a liturgia, com a riqueza de seus ritos e dimensão celebrativa, que hoje a Igreja propõe resgatar e revalorizar, naturalmente adaptando-se ao nosso mundo de hoje, sobretudo à mudança de época que vivemos" (LIMA, 2016, p. 32). Para que essa união de fato aconteça, "é preciso redescobrir a liturgia como lugar privilegiado de encontro com Jesus Cristo" (CNBB, 2017, p. 45). Tornando-se necessária a inserção das celebrações litúrgicas e o aprofundamento dos sacramentos de iniciação à vida cristã no processo de iniciação à vida de fé.

Outra maneira de unir catequese e liturgia é vivenciar um itinerário de formação de novos discípulos de Jesus Cristo de acordo com o ano litúrgico. Por isso, Paiva (2008, p. 41) afirma que "é de grande importância vincular a caminhada catequética ao ano litúrgico". Nesse sentido, necessitamos de catequistas mistagogos, isto é, de pessoas que façam ressoar a Palavra de Deus no coração das pessoas, introduzindo-as no Mistério Pascal.

A catequese e a liturgia são as duas asas do itinerário catequético proposto pela Conferência Nacional dos Bispos do Brasil. Pois, "os autênticos itinerários catequéticos são aqueles que incluem em seu processo o momento celebrativo como componente essencial da

experiência religiosa cristã" (CNBB, 2006, p. 97). A relação entre catequese e liturgia é expressa claramente no documento de estudos que trata da catequese com inspiração catecumenal: "a catequese fornece meios para conhecer Jesus e viver a experiência pessoal de encontro com ele e aceitação de sua proposta, de seu mistério de salvação. A liturgia ajuda a guardar e assumir profundamente o que foi descoberto na caminhada" (CNBB, 2009, p. 56). A união entre catequese e liturgia se dá no itinerário catequético mediante a vivência dos tempos e etapas.

### *4.2.1 Tempos e etapas*

O catecumenato de adultos é organizado em quatro tempos e três etapas. Os tempos são denominados de: pré-catecumenato, catecumenato, purificação e iluminação, e mistagogia. As etapas compreendem as celebrações: de entrada no catecumenato, de eleição ou inscrição do nome, e, por fim, a do Batismo, da Crisma e da Eucaristia. Segundo Ormonde (2001, p. 35) as etapas "são como portas a serem atravessadas ou como degraus a serem subidos. Conduzem a tempos de informação e amadurecimento progressivo. Para cada etapa há uma celebração litúrgica e ritos próprios". A iniciação à vida cristã com inspiração catecumenal preserva esta organização, de modo que o processo seja gradativo.

Uma característica da iniciação à vida cristã com inspiração catecumenal é a progressividade. A iniciação à vida cristã não é feita apenas numa semana ou num mês. Iniciação à vida cristã requer tempo para conversão. A mudança de vida não acontece de forma instantânea no momento da celebração dos sacramentos, de sorte que "o catequizando vai progredindo de um tempo a outro na adesão e entendimento da fé, como também na transformação da vida e aquisição de novas atitudes" (NUCAP, 2016, p. 49). Esta progressão na fé e na assimilação de novas atitudes demanda tempo. Tal crescimento é resultado da escuta da Palavra de Deus. A espiritualidade e a vida de oração, também, não se adquirem rapidamente. Para prender a rezar, é preciso tempo de escuta, de meditação, de imersão no mistério. É preciso vivenciar cada passo para saborear o mistério em sua profundidade.

Reinert (2015, p. 64) chama-nos à atenção para outro aspecto significativo subjacente ao caráter da progressividade da maturação da fé:

> é o fator antropológico-teológico, que leva em consideração a individualidade de cada pessoa. A atenção ao ritmo de cada pessoa atesta que o ser humano é a prioridade no catecumenato. Dimensões como abertura, descoberta, resposta, crescimento, consciência são eminentemente pessoais e intransferíveis, que fogem, [...] a toda pré-determinação temporal.

O RICA, atento a isso, não estipula tempo para a concretização da iniciação à vida cristã, respeitando a íntima relação entre ação de Deus e o tempo-resposta do catecúmeno ou do catequizando. A duração do tempo a ser percorrido no itinerário de formação e maturação da fé depende da graça de Deus e das diversas circunstâncias, tais como: "do plano do próprio catecumenato, do número dos catequistas, diáconos e sacerdotes, da colaboração de cada catecúmeno, das possibilidades de frequentarem a sede do catecumenato e da ajuda da comunidade local" (RICA, n. 20). Portanto, nada pode ser determinado a priori. No entanto, visando o bem espiritual e pastoral dos fiéis, dos catecúmenos e dos catequizandos, o bispo diocesano pode estabelecer um tempo determinado para o processo de iniciação à vida cristã. Ao invés de se preocupar realmente com o tempo de duração de toda a iniciação cristã, dever-se-ia estar mais atento ao acompanhamento personalizado dos catecúmenos e catequizandos. Isso não anula o planejamento do caminho a ser percorrido na iniciação à vida cristã.

Quanto à organização do itinerário catequético em tempos e etapas de acordo com a inspiração das celebrações do RICA, os bispos do Brasil, no documento 107, sugerem a adequada correspondência entre Bíblia, catequese, liturgia e comunidade. Além disso, exortam que:

> a inspiração que vem do RICA não significa imitar ou copiar o que lá se apresenta, mas perceber as celebrações como passos importantes para a superação de uma prática pastoral que visa apenas a celebração de ritos e a recepção dos sacramentos. Certos ritos devem ser reservados aos não batizados que percorrem o caminho que leva à iniciação à vida cristã (CNBB, 2017, p. 68).

Veremos a partir desse momento o que é específico de cada tempo e etapa do itinerário de formação de discípulos missionários de Jesus Cristo.

a) Pré-catecumenato

O pré-catecumenato é um tempo de acolhida de quem se aproxima da Igreja. A primeira atitude da comunidade deve ser a acolhida: "acolher o catequizando significa ter cuidado para ouvir suas motivações de fé, sua história de vida e seus problemas" (NUCAP, 2016, p. 56). Acolher o outro é sair ao seu encontro. Por isso, acolher quem se aproxima da Igreja, talvez num primeiro momento em busca dos sacramentos de iniciação por ser algo cultural ou por superstição, é "sair, aproximar-se das pessoas e acolhê-las nas situações em que se encontram. A dinâmica da acolhida, portanto, dá toda a tônica a este primeiro tempo, o querigma" (CNBB, 2017, p. 71). Acolher com misericórdia e compaixão "é o primeiro passo para ajudar as pessoas a realizarem a experiência de Deus em suas vidas" (NUCAP, 2016, p. 57). O primeiro contato

das pessoas com a comunidade, na maioria das vezes, é dado nesse tempo. Por isso, a acolhida é importante. O pré-catecumenato dará o tom dos outros tempos e etapas do processo.

O *Itinerário Catequético,* elaborado em 2014, pela Comissão Episcopal Pastoral para a Animação Bíblico-Catequética (2014, p. 63), da CNBB, propõe, no ato da inscrição para a iniciação à vida cristã, a realização de uma festa de acolhida: "as inscrições para a catequese são realizadas de forma criativa e celebrativa, marcando a opção e o compromisso de participar do processo catequético na comunidade". A festa de acolhida ou das inscrições é para todas as pessoas que desejam ser cristãs, retornar à comunhão com a Igreja ou continuar o processo de amadurecimento da fé cristã.

O pré-catecumenato caracteriza-se como um tempo eminentemente querigmático, isto é, nesse tempo se faz o primeiro anúncio de forma mais enfática. Segundo o Papa Francisco (2013, p. 99, grifo do autor), "o *querigma* é trinitário. É o fogo do Espírito que se dá sob a forma de línguas e nos faz crer em Jesus Cristo, que, com a sua morte e ressurreição, nos revela e comunica a misericórdia infinita do Pai". Afirmar que o querigma tem um papel fundamental na catequese e ao designá-lo como "primeiro" não significa que a dimensão querigmática desaparece nos outros tempos, sendo substituído por outros conteúdos. Pelo contrário, o primeiro anúncio "é o primeiro em sentido qualitativo, porque é o anúncio *principal*, aquele que sempre se tem de voltar a ouvir de diferentes maneiras e aquele que sempre se tem de voltar a anunciar, de uma forma ou de outra, durante a catequese, em todas as suas etapas e momentos" (FRANCISCO, 2013, p. 100).

O querigma é o núcleo central da pregação apostólica: é o anúncio do Reino de Deus, que se confunde com a pessoa de Jesus Cristo (LIMA, 2016, p. 24). Ele é o anúncio da paixão, morte e ressurreição de Jesus Cristo. Segundo o RICA (n. 9), o pré-catecumenato "é o tempo da evangelização em que [...] se anuncia o Deus vivo e Jesus Cristo". Por isso, pode-se afirmar que o Mistério Pascal é o centro para o qual converge o primeiro anúncio e toda a iniciação à vida cristã.

O primeiro anúncio sobre Jesus Cristo é necessário ainda hoje aos adultos não batizados que pedem o batismo ou às pessoas já batizadas que ainda não ouviram falar das maravilhas e do amor incondicional de Deus. Para os batizados "*a primeira evangelização* e o *anúncio querigmático* assumem características de reaproximação, reencantamento, redescoberta de Jesus Cristo e da comunidade eclesial" (REINERT, 2015, p. 78, grifo do autor). Àquelas pessoas que batizadas, ouviram falar do mistério do amor de Deus, mas não fizeram a experiência pessoal com Jesus Cristo, "é urgente um 'segundo primeiro anúncio' [principalmente] para quem se afastou da fé e da Igreja" (CNBB, 2017, p. 71). Desse primeiro

anúncio ou "segundo primeiro anúncio" nasce a fé e a conversão inicial, que serão amadurecidas no segundo tempo, o catecumenato.

b) Catecumenato

O tempo do catecumenato é o mais longo de todo o processo de iniciação à vida cristã. Nos primeiros séculos geralmente durava três anos. Contudo, o RICA (n. 20) prescreve que nada pode ser estabelecido a priori, pois depende das circunstâncias, da disponibilidade dos catequizandos, catecúmenos e catequistas. O catecumenato exige mais tempo porque é o período de aprofundamento da fé inicial, que fora acolhida e despertada no pré-catecumenato. O tempo do catecumenato coincide com a catequese propriamente dita. Pois, "o catecumenato é um espaço de tempo em que os candidatos recebem formação e exercitam-se praticamente na vida cristã" (RICA, n. 19).

Segundo Lelo (2005, p. 49), o catecumenato "é o tempo próprio para o crescimento da fé, o amadurecimento da conversão; período de contato com a comunidade cristã, de familiarização com seus símbolos e com sua gente, por meio da progressiva experiência da fé, da liturgia e da caridade própria do Povo de Deus". A comunidade cristã exerce papel fundamental durante esse período. Ela acompanha com orações o progresso espiritual dos catecúmenos e catequizandos e os ajuda a crescer na fé por meio do testemunho e da acolhida. Percebe-se que no catecumenato valoriza-se a experiência de vida cristã no interior de uma comunidade. Embora coincida com a catequese propriamente dita, entendida por muito tempo apenas como doutrinal, o catecumenato a supera porque "é o encontro pessoal com Jesus Cristo, e não o simples conhecimento de doutrina, que vai sustentar e fazer crescer a fé que vai ser a grande fonte animadora de nossa vida" (CNBB, 2017, p. 74). A formação catecumenal "mais do que ser doutrinária, é enfocada como discipulado, cuja característica principal consiste em adquirir um modo de ser e de viver consoante ao de Jesus" (LELO, 2005, p. 50). É, antes de tudo, um tempo de vivência da fé, não apenas de uma transmissão da fé.

Para Quenzini (2013, p. 47), para colocar em prática e colher os frutos do processo de iniciação à vida cristã, há um desafio a ser superado "romper com a visão errônea [...] de percorrer esse caminho somente em vista da recepção dos sacramentos. A finalidade da iniciação deve ser uma só: que a pessoa alcance a plena maturidade em Cristo e forme sua identidade cristã [...]". Esse desafio será superado e essa meta alcançada à medida que a comunidade for percebendo os benefícios da iniciação à vida cristã com inspiração

catecumenal. Para tanto, é necessária a ousadia pastoral, isto é, sempre propor, estudar e implantar o processo de iniciação cristã na comunidade.

O conteúdo prioritário da iniciação à vida cristã são os artigos da fé contidos no Credo, a História da Salvação, consignada na Sagrada Escritura. O documento 107 da CNBB (2017, p. 74) acrescenta o *Catecismo da Igreja Católica* que "fundamenta a moral cristã, a partir do mandamento do amor, das bem-aventuranças e dos mandamentos". O Diretório Nacional de Catequese aponta a Bíblia como o texto principal da catequese (CNBB, 2006, p. 30). Os catequistas são os responsáveis juntamente com toda a comunidade da tarefa de amadurecimento da fé dos catequizandos e catecúmenos. A História da Salvação precisa ser lida e relacionada à vida pessoal de cada um dos catequizandos/catecúmenos. Caso contrário, será uma leitura estéril, ou seja, algo que aconteceu no passado e não têm nada a ver com minha história pessoal de vida. Desta forma, "é fundamental que os catequizandos se coloquem como sujeitos, isto é, que tenham oportunidade e confiança de expor suas experiências, sentimentos e dúvidas" (LELO, 2015, p. 12). Por isso, a iniciação à vida cristã exige acompanhamento personalizado, a fim de o texto bíblico ilumine a história de vida de cada catequizando/catecúmeno.

Durante o período do catecumenato, percebe-se claramente a relação estreita entre catequese e liturgia, podendo-se fazer celebrações da Palavra de Deus após os encontros (RICA, n. 106-108). Cada celebração pode ser concluída com um exorcismo menor (RICA, n. 109) ou com uma bênção dos catecúmenos (RICA, n. 119). Após o exorcismo, pode-se conceder uma bênção ou ungir os catecúmenos (RICA, n. 130-132). Segundo o RICA (n. 125), "as entregas, que podem ser antecipadas em benefício do 'tempo do catecumenato' ou em razão da brevidade do 'tempo de purificação e iluminação', devem ser celebradas quando os catecúmenos derem sinais de maturidade". Portanto, é recomendável que o rito de entrega do Credo e do Pai-Nosso seja celebrado dentro da Missa da comunidade, imediatamente após a homilia. "As celebrações de entrega da Palavra, do Creio e do Pai-Nosso expressam, na comunidade, a tradição de entregar os tesouros da fé às novas gerações" (CNBB, 2017, p. 69). Mediante estes ritos acontece a iniciação litúrgica. Assim, a catequese e a liturgia são duas formas privilegiadas de edificação da comunidade cristã.

O rito de eleição é a segunda etapa do processo e acontece após a conclusão do catecumenato. A celebração da eleição e inscrição do nome é realizada no primeiro domingo da Quaresma. Segundo o RICA (n. 22), "denomina-se 'eleição' porque a Igreja admite o catecúmeno baseada na eleição de Deus, em cujo nome ela age. Chama-se também 'inscrição dos nomes' porque os candidatos, em penhor de sua fidelidade, inscrevem seus nomes no

registro dos eleitos". Para Floristán (1995, p. 194), podem ser eleitos ou admitidos, além dos catecúmenos, outras pessoas "que, batizadas, confirmadas e eucaristizadas em sua infância, se converteram a uma vida cristã adulta, seguem o processo catecumenal e se preparam para os sacramentos da reiniciação, isto é, a penitência e a eucaristia". São eleitos apenas os catecúmenos e catequizandos que demonstraram aptos pela "conversão de mentalidade e costumes, suficiente conhecimento da doutrina cristã, senso da fé e da caridade" (RICA, n. 23). Através dessa celebração os catecúmenos e catequizandos agradecem a Deus o caminho feito e manifestam publicamente o amadurecimento na fé.

Floristán (1995, p. 193) apresenta três critérios para a eleição dos catecúmenos ou dos catequizandos: primeiro, aptidão para viver em comunidade; segundo, apto a professar a fé; por fim, aptidão para viver o Evangelho. A celebração de eleição ou inscrição dos nomes deve-se realizar com toda solenidade, visto que é o ponto capital de todo o catecumenato. A partir desse momento "[...] os candidatos são chamados 'eleitos'. [...] Chamam-se ainda 'iluminados' porque o Batismo é denominado 'iluminação' e através dele os neófitos são inundados pela luz da fé" (RICA, n. 24). A eleição e a inscrição dos nomes configuram-se como um rito de passagem para o tempo de purificação e iluminação.

c) Purificação e iluminação

O terceiro tempo do processo de iniciação à vida cristã, chamado de purificação e iluminação, acontece na Quaresma. Segundo Floristán (1995, p. 191), "no começo a Quaresma teve um caráter catecumenal; mais tarde tomou um matiz penitencial, pois decresceu o número de adultos candidatos ao batismo e aumentou o batismo de crianças. Colocou-se então a ênfase na penitência como segundo batismo, necessária aos pecadores". A inspiração catecumenal da catequese, proposta pelos documentos da Igreja a partir do Concílio Vaticano II, resgata o caráter catecumenal do tempo quaresmal.

O tempo da purificação e iluminação é mais propício para o cultivo da vida interior do que para a catequese, a instrução, a exposição de doutrinas. O RICA (n. 25), nesse sentido, deixa claro que "a intensa preparação espiritual, mais relacionada à vida interior que à catequese, procura purificar os corações e espíritos pelo exame de consciência e pela penitência, e iluminá-los por um conhecimento mais profundo de Cristo, nosso Salvador". Desse modo, os catecúmenos e catequizandos são chamados a vivenciar nesse período um verdadeiro retiro espiritual. Este tempo possibilita aos catecúmenos e catequizandos "uma profunda revisão de vida, exame da consciência e espírito de penitência" (REINERT, 2015, p. 96).

Os ritos próprios do tempo de purificação e iluminação são os escrutínios e as entregas (se não foram realizadas no tempo do catecumenato). Segundo o RICA (n. 25), os escrutínios têm dupla finalidade: "descobrir o que houver de imperfeito, fraco e mau no coração dos eleitos, para curá-los; e o que houver de bom, forte, santo, para consolidá-lo". Os escrutínios são realizados no terceiro, quarto e quinto domingos da Quaresma. O documento 107 da CNBB (2017, p. 76) recomenda "os ritos penitenciais no catecumenato de crianças" conforme o roteiro do RICA, n. 330-341, que pode ser adaptado. Além disso, o mesmo documento pede que "nas celebrações com catecúmenos ou catequizandos adultos (já batizados), prefira-se o esquema da Liturgia da Palavra do Ano A, que valoriza o caráter batismal" (CNBB, 2017, p. 76), isto é, o Evangelho da samaritana – água viva (Jo 4,7-42), do cego de nascença – luz (Jo 9,1-41) e da ressurreição de Lázaro – vida (Jo 11,1-45). Lelo (2005, p. 87-88) sintetiza o significado dos escrutínios nestes termos:

> A água/Espírito aponta-nos o essencial para a nossa sobrevivência: quem beber do Espírito derramado por Cristo é capaz de reconhecer sua real condição pecadora, e somente buscando o manancial verdadeiro nunca mais terá sede. A luz é o mesmo Cristo, luz do mundo, que afasta definitivamente a cegueira produzida pelo pecado com suas obras e seduções. Ao enfrentar o drama da morte, o eleito tem condições de abrir-se para realidades mais amplas e encontrar a finalidade última de sua existência.

Se as entregas do Credo e do Pai-Nosso forem realizadas nesse período, são feitas durante a semana: "o Símbolo é entregue na semana depois do primeiro escrutínio; a Oração do Senhor, depois do terceiro" (RICA, n. 53). As entregas "[...] manifestam que a fé se recebe como dom da Igreja (sintetizada no credo) e a oração como prece básica cristã (resumida no Pai-Nosso)" (FLORISTÁN, 1995, p. 202).

Durante o Tríduo Pascal, os catequizandos e catecúmenos são chamados a vivenciarem os mistérios da paixão, morte e ressurreição do Senhor. Acontecem no Sábado Santo, pela manhã ou no começo da tarde, alguns ritos preparação imediata para os catecúmenos que receberão os sacramentos da iniciação cristã, na noite da Vigília Pascal. Durante a celebração os catecúmenos ouvem a Palavra de Deus, recitam o Símbolo, segue-se o rito do "éfata", a escolha do nome cristão, o rito da unção com o óleo dos catecúmenos no peito e em ambas as mãos (RICA, n. 194-206). Para os adultos já batizados recomenda-se "uma boa preparação para o sacramento da Reconciliação (Confissão) [e] seja feita com um destaque ao amor incondicional de Deus, que nunca desiste de nós e sempre abre um caminho de volta a quem perdeu o rumo" (CNBB, 2017, p. 77). Essa preparação pode-se fazer durante a Quaresma, e não necessariamente no Tríduo Sacro.

Na Vigília Pascal, em que se faz memória da vitória gloriosa de Cristo sobre a morte, acontece a terceira e última etapa, a celebração dos sacramentos de iniciação à vida cristã (batismo, confirmação e eucaristia). Os catecúmenos são batizados, confirmados e comungam pela primeira vez na mesma celebração Eucarística da noite santa (RICA, n. 208). Os adultos, jovens e crianças, em idade de catequese, já batizados "não celebrem os sacramentos da Crisma e da Eucaristia na Vigília Pascal" (CNBB, 2017, p. 69), mas em outra data de acordo com o cronograma paroquial, de preferência no tempo pascal. Estes, porém, podem renovar suas promessas batismais juntamente com a comunidade. Recebidos os sacramentos de iniciação à vida cristã, os catecúmenos e catequizandos irão aprofundar a vivência dos sacramentos no tempo da mistagogia.

d) Mistagogia

Segundo Nery (2014, p. 33), o termo mistagogia tem origem grega: *Mistà* vem de mistério, *agog* vem de conduzir, guiar, levar, carregar. Conclui-se que mistagogia significa "conduzir ao mistério". O tempo da mistagogia coincide com o Tempo Pascal. Segundo Nentwig e Menon (2011, p. 43), "trata-se de um tempo que valoriza muito a liturgia do Tempo Pascal, com a finalidade de fazer o neófito experimentar a Páscoa do Senhor e sentir-se acolhido pela comunidade da qual começou a fazer parte pelos sacramentos". Assim, a comunidade e os neófitos (os que receberam nova vida mediante os sacramentos de iniciação à vida cristã) vão crescendo e aprofundando o mistério celebrado pela participação na Eucaristia e pela prática da caridade.

Contudo, a mistagogia não é reduzida a um tempo. Os outros tempos também são mistagógicos, porque a "iniciação mistagógica" é característica da catequese. A iniciação mistagógica, para o Papa Francisco (2013, p. 101) significa duas coisas: "a necessária progressividade da experiência formativa na qual intervém toda a comunidade e uma renovada valorização dos sinais litúrgicos na iniciação cristã".Os encontros catequéticos do tempo da mistagogia e dos tempos anteriores além de anunciar a Palavra de Deus, devem acontecer num ambiente orante com uso de símbolos.

Este tempo é propício para o aprofundamento da graça oferecida pelos sacramentos de iniciação cristã. Para Reinert (2015, p. 103), "a característica maior da mistagogia é a experiência". Nesse tempo, os neófitos e os catequizandos, que completaram a iniciação mediante os sacramentos da Crisma ou da Eucaristia, experimentam e aprofundam os símbolos usados nos sacramentos. As celebrações mistagógicas devem ajudá-los com as explanações

sobre o sentido cotidiano, bíblico e litúrgico dos símbolos constitutivos da celebração sacramental. Desse modo, eles saboreiam os sinais dos sacramentos experimentados durante a celebração.

Durante este tempo, os iniciados e os recém-batizados entram "em relações mais estreitas com os fiéis e adquiram, assim, novo impulso e nova visão das coisas" (RICA, n. 39). A celebração Eucarística durante o tempo pascal se reveste de caráter especial, nas chamadas "missas pelos neófitos": "ocupem os neófitos, nas missas de domingo, lugar especial entre os fiéis e todos procurem participar da missa com seus padrinhos. Sejam lembrados na homilia e, se for oportuno, na oração dos fiéis" (RICA, n. 236).

O tempo da mistagogia é importante, porque, "por um lado, a experiência sacramental insere o iniciado no corpo de Cristo – a Igreja –, faz crescer a união dos neófitos com a comunidade dos fiéis e facilita o relacionamento; por outro lado, a comunidade vê-se afetada por essa experiência, ela mesma refaz, com os neófitos, o caminho da iniciação" (LELO, 2005, p. 121-122). Há um crescimento mútuo: a comunidade cresce com novos membros amadurecidos na fé e os iniciados convidam a comunidade a um constante processo de conversão, renovando-a. Quem foi evangelizado, iniciado na fé e apoiado pelo testemunho da comunidade, passa-se a evangelizar os que pretendem percorrer o mesmo percurso da iniciação à vida cristã. No dia de Pentecostes, os adultos, jovens, adolescentes e crianças são enviados para a missão. Terminado o tempo da mistagogia, os neófitos e catequizandos são chamados a continuar o processo de aprofundamento da fé, participando ativamente da vida da comunidade.

### *4.2.2 A unidade dos sacramentos de iniciação à vida cristã*

No início do Cristianismo, os sacramentos da iniciação cristã, isto é, o Batismo, a Crisma e a Eucaristia, eram conferidos numa única celebração. Batizava-se, depois eram impostas as mãos sobre o neófito, que logo em seguida participava do Banquete Eucarístico. Entretanto, ao longo da história, a unidade de ambos os sacramentos foi rompida. Segundo Taborda (2012, p. 27), "a dissociação da Eucaristia com relação ao Batismo e à Confirmação provém da prática do Batismo de crianças – e, mais concretamente, de bebês". Tal prática naturalmente foi assumida pela Igreja. Contribuiu ainda mais para o isolamento dos sacramentos de iniciação cristã, a prática do batismo nas Igrejas rurais. Esta levou a Igreja a fazer uma opção: "ou transferir para a competência do presbítero a totalidade da iniciação, ou separar o banho batismal dos ritos pós-batismais realizados pelo bispo" (TABORDA, 2012, p. 28). A Igreja Oriental preferiu a primeira opção e a Igreja Latina adotou a segunda, reservando o sacramento

da Confirmação para o bispo e deixando a celebração do Batismo e da Eucaristia para os presbíteros.

As visitas pastorais dos bispos às paróquias tornaram-se menos frequentes, devido às longas distâncias a serem percorridas. Por esse motivo, o sacramento da Confirmação passou a ser celebrado depois do sacramento da Eucaristia, alterando a ordem originária dos sacramentos iniciáticos (TABORDA, 2012, p. 28). Além disso, enquanto o Batismo é celebrado nos primeiros dias de vida da criança, desde o século XII, desenvolveu-se o costume de receber a Eucaristia entre os sete e doze anos. São Pio X colocou em seu catecismo a idade de doze anos para a recepção da Eucaristia e sete anos para receber a Confirmação. A preocupação sobre a idade apta a participar da Eucaristia, levou o Papa Pio X a publicar "o decreto *Quam Singulari* (08.08.1910), no qual diminuiu a 7 anos a idade para a recepção da Sagrada Eucaristia; isto é, quando a criança 'começa a ter raciocínio'. A primeira comunhão deverá ser acompanhada 'obrigatoriamente' da confissão sacramental". O Código de Direito Canônico (cân. 891), de 1983, apenas recomenda a idade da discrição, restando às Conferências dos Bispos a responsabilidade por determinar a idade. Ficando a Confirmação para a partir dos 12 anos de idade, segundo a determinação da CNBB.

Antes da fragmentação os sacramentos da iniciação à vida cristã eram celebrados nesta ordem: Batismo/Confirmação + Eucaristia[4]. Segundo Micheletti e Santos (2017, p. 22, grifo do autor) "a partir dos **séculos V-VII**, só no Ocidente: **Batismo + Confirmação + Eucaristia.** Nos **últimos séculos**, no Ocidente: **Batismo + Eucaristia + Confirmação**". Como se vê pelo esquema, ao longo da história, os três sacramentos celebrados juntos na Vigília Pascal passaram a ser celebrados de modo separado, conservando ainda a sequência original. Depois além de celebrados isoladamente, a sequência foi alterada. Contudo, o contexto atual pede que a unidade dos sacramentos de iniciação à vida cristã seja restabelecida: "urge recuperar a unidade pastoral entre os três sacramentos da iniciação à vida cristã. São integrados no mesmo caminho de fé, como experiência vital e de crescimento no seio de uma comunidade eclesial. São etapas de um único processo de mergulho na vida iluminada por Cristo e testemunhada na Igreja" (CNBB, 2017, n. 126).

A correlação entre o Batismo, a Confirmação e a Eucaristia e a sua unidade se fundamentam no Mistério Pascal: "o *Batismo* é a primeira entrada para a participação no mistério do Senhor. Marca o início de um processo de identificação à Cristo. A *Crisma*

[4] A sequência de celebração dos sacramentos de iniciação à vida cristã, ao longo dos séculos até os nossos dias, se encontra detalhada no anexo. Encontra-se também nesse anexo a sequência proposta pela iniciação com inspiração catecumenal.

complementa a configuração do batizado a Cristo e encaminha-o para a participação na *Eucaristia*" (CNBB, 2017, p. 61, grifo do autor). Desse modo, pelo Batismo, somos regenerados, nascemos para uma vida nova; pela Confirmação, crescemos e pela Eucaristia somos alimentados ao longo da vida cristã. "Por essa razão, se o Batismo requer a Confirmação, a Confirmação e o Batismo exigem a Eucaristia 'para a sua plenitude'" (MICHELETTI; SANTOS, 2017, p. 24). Compreende-se, assim, que a Eucaristia é o termo da iniciação à vida cristã: "se o Batismo e a Confirmação se recebem uma só vez, a eucaristia, que foi instituída para ser continuamente repetida, renova cada vez tudo o que foi doado com os dois primeiros sacramentos" (NOCENT, 1992, p. 594).

Para atingir a eficácia original do processo de iniciação à vida cristã, é preciso recuperar a sequência própria dos sacramentos de iniciação: Batismo-Crisma-Eucaristia. Segundo o RICA (n. 34), essa sequência "exprime a unidade do mistério pascal, a relação entre a missão do Filho e a efusão do Espírito Santo e o nexo entre os sacramentos, pelos quais ambas as Pessoas Divinas vêm com o Pai àquele que foi batizado". Entretanto, isso não significa que a unidade é expressa apenas quando são celebrados numa única celebração, como ocorre na iniciação de adultos não batizados. Para os Bispos do Brasil, "pode haver períodos de tempo entre eles, sem que a unidade seja quebrada" (CNBB, 2017, p. 61).

Portanto, é preciso entender que a iniciação à vida cristã abarca o itinerário com inspiração catecumenal e os sacramentos. A iniciação à vida cristã organizada em tempos e etapas bem definidos favorece a caminhada dos interlocutores e sujeitos envolvidos no processo. Deixa de lado uma compreensão meramente sacramentalista do processo iniciático e assume uma postura decididamente missionária. Esta inclui acolhida, acompanhamento, aprofundamento, mistagogia, vivência litúrgica e inserção na comunidade.

# 5 CONCLUSÃO

A abordagem empreendida sobre a iniciação à vida cristã com inspiração catecumenal exigiu a retomada da história do catecumenato. Vimos que o catecumenato é uma instituição antiga e foi estruturado aos poucos a fim de formar as pessoas desejosas de serem cristãs. Era destinado quase exclusivamente às pessoas adultas provenientes do paganismo, que pediam o batismo. Na era Apostólica, os cristãos foram perseguidos pelos Imperadores romanos. Após a morte dos Apóstolos, surgiram várias heresias que colocavam em cheque a fé cristã. Dentre elas, o gnosticismo e o montanismo.

Nos séculos III e IV, o catecumenato já estava organizado em quatro tempos e três etapas. Quem era tocado pelo anúncio do Evangelho, precisava passar pelo primeiro tempo, chamado de pré-catecumenato. Durante um período mais ou menos curto, ao candidato era anunciado em profundidade o *kerigma*. Depois de uma séria avaliação sobre o comportamento do candidato, uma vez sendo aprovado passava para o segundo tempo, o catecumenato, mediante uma celebração de admissão (primeira etapa). Nesse processo integral, catequese e liturgia interagiam e se complementavam durante os tempos e as etapas.

O tempo do catecumenato durava em média três anos. Um exame era feito, sendo aprovado pela comunidade, o catecúmeno era eleito para os sacramentos de iniciação à vida cristã através da celebração de eleição (segunda etapa), que coincidia com o primeiro Domingo da Quaresma. Uma vez eleito, o catecúmeno percorria o terceiro tempo, chamado de purificação e iluminação. Este tempo funcionava como um retiro de quarenta dias em preparação à celebração do batismo, crisma e eucaristia (terceira etapa). Durante esse período, celebravam-se os escrutínios e as entregas do Credo e do Pai-Nosso. No Sábado Santo, pela manhã, acontecia os ritos preparatórios à celebração dos sacramentos de iniciação à vida cristã, que eram celebrados na Vigília Pascal. Após a celebração dos sacramentos, acontecia o quarto tempo, chamado de mistagogia. Durante esse período, os neófitos participavam das celebrações Eucarísticas, durante as quais os Padres da Igreja faziam as suas catequeses mistagógicas. Depois desse período áureo, veio o declínio do processo catecumenal.

A fundamentação bíblico-teológica mostrou que o catecismo dos primeiros cristãos, conhecido por *Didaqué*, testemunha a existência de uma formação moral anterior à recepção dos sacramentos. E Santo Agostinho, no *De Catechizandis Rudibus,* obra dirigida ao diácono Deogratias, aponta a necessidade de um anúncio prévio ao tempo mais longo de formação. Além disso, chama-nos à atenção para uma catequese que leve em consideração a vida dos interlocutores, mostrando que o primeiro anúncio deva ser feito a partir da vida pessoal do

destinatário. Santo Agostinho coloca em evidência o conteúdo essencial da catequese: a História de Salvação, entendida a partir da vida do catecúmeno. O bispo de Hipona se preocupa também com os catequistas. Recomenda-lhes o conhecimento de si mesmo, a fim de não desanimarem na missão de anunciar Jesus Cristo. Ele cita alguns fatores que podem afetar a autoestima do catequista e aponta alguns remédios para superar a falta de ânimo.

O texto de João 4,7-42, no qual o evangelista narra o diálogo de Jesus com a Samaritana, ilumina o processo de iniciação à vida cristã com inspiração catecumenal. Os seis passos do relato indica a necessidade da progressividade do itinerário catequético. Como vimos, a Samaritana se encontra com Jesus junto a um poço. No entanto, não o reconhece como Messias, e sim como um judeu. A partir da sede, Jesus provoca o diálogo. Deste, brota na Samaritana o desejo de conhecer mais profundamente aquele homem diante dela, vendo em sua pessoa um profeta. Jesus se revela a ela como Messias. Ela não perde tempo e vai anunciar Jesus aos seus conterrâneos. Estes são envolvidos pelo testemunho da mulher e se convertem a Cristo.

O documento 107 da CNBB aponta a necessidade de um processo que se inspire no catecumenato antigo, a fim de as pessoas façam um encontro pessoal com Cristo a exemplo da Samaritana. Observamos que o mundo hodierno está em contínua mudança. Os métodos utilizados na evangelização, até hoje, não respondem mais aos desafios atuais. Por isso, é preciso superar o "divórcio" entre catequese e liturgia. O RICA (Ritual de Iniciação Cristã de Adultos), promulgado em 1972 a pedido do Concílio Vaticano II, nos oferece um modelo de inspiração de catequese não só para os adultos batizados ou não batizados, mas também para as crianças, adolescentes e jovens que estão na catequese das nossas comunidades.

Quanto aos interlocutores e sujeitos da iniciação à vida cristã, observamos que existe a necessidade de promover e formar pessoas das comunidades eclesiais, a fim de assumirem o ministério de introdutor tão necessários quanto o ministério de catequista. Caso contrário, o primeiro tempo do processo não alcançará seu objetivo. Muito menos a iniciação à vida cristã. Pois a comunidade é o sujeito principal de todo o processo. Não existe iniciação à vida cristã sem uma comunidade acolhedora. Desse modo, os catecúmenos e os catequizandos (crianças, jovens e adultos batizados) precisam ser acolhidos na comunidade.

Por fim, os sacramentos da iniciação à vida cristã, ou seja, o Batismo, a Confirmação e a Eucaristia, precisam ser celebrados salvaguardando a unidade intrínseca existente entre eles. Isso não significa para garantir a unidade, lembrando mais uma vez, que eles sejam celebrados numa única celebração. Não dá mais para celebrar a Eucaristia, vendo-a isolada dos outros dois sacramentos. Pois a Eucaristia é o termo da iniciação, visto que é o alimento do batizado, que se reúne em comunidade. O Batismo e a Confirmação estão atrelados à Eucaristia. Não se inicia

à vida cristã apenas para ser batizado ou somente para ser crismado. A iniciação à vida cristã tem como meta a incorporação à vida da comunidade mediante o Batismo, pelo qual nos tornamos membros de um só corpo, a Igreja; pela confirmação, os membros desse corpo são animados pelo Espírito, a fim de participar do banquete Eucarístico, alimento que dá forças para a vida de fé e para a caminhada na comunidade.

Ao aprofundar a iniciação à vida cristã com inspiração catecumenal a partir do documento 107 da CNBB, não se tem a pretensão de esgotar o assunto, de dar por encerrada a questão. Estudos posteriores poderão descobrir muitos outros aspectos relevantes para o processo de iniciação cristã. Porque quanto mais houver reflexão e aprofundamento sobre a iniciação à vida cristã, descobriremos quanta riqueza ainda precisa ser explorada para iluminar a caminhada de tantas comunidades, que já começaram a caminhada de catequese com a inspiração catecumenal, como também das outras comunidades que haverão de encetar esse caminho tão necessário para a vida da Igreja no mundo atual.

Portanto, a iniciação à vida cristã com inspiração catecumenal, no contexto de mudanças rápidas e profundas, é a resposta que a Igreja pode oferecer às pessoas que procuram encontra-se com Jesus Cristo e aprofundar sua fé. O período de cristandade passou. As pessoas nem sempre nascem numa família cristã, nem sempre respiram um ambiente cristão. Numa sociedade em que tornar-se cristão exige uma experiência profunda com a pessoa de Jesus Cristo. A inspiração catecumenal favorece o encontro amoroso de Deus com a pessoa humana, através de uma verdadeira iniciação à vida cristã.

# REFERÊNCIAS

AGOSTINHO. Primeira catequese aos não-cristãos. In: AGOSTINHO. **A fé e o símbolo; a disciplina cristã; a continência.** São Paulo: Paulus, 2013, v. 32, p. 61-145. (Coleção Patrística).

ALTANER, Berthold; STUIBER, Alfred. **Patrologia**: vida, obras e doutrinas dos Padres da Igreja. 2. ed. São Paulo: Paulus, 1988.

ALVES, Artur Luís Delgado Farinha. ***De catechizandis Rudibus***: A Comunicação da Fé segundo Santo Agostinho. 2014. 186f. Dissertação Final (Mestrado Integrado em Teologia) – Faculdade de Teologia, Universidade Católica Portuguesa. Disponível em: <https://repositorio.ucp.pt/bitstream/10400.14/16956/1/De%20catechizandis%20Rudibus%20-%20A%20Comunica%C3%A7%C3%A3o%20da%20F%C3%A9%20segundo%20Santo%20Agostinho.pdf>. Acesso em: 08 mar. 2018.

ARAÚJO, Gilvan Leite de. Jesus e a Samaritana. **Revista de Cultura Teológica**, São Paulo, ano 24, n. 87, p. 231-249, jan./jun. 2016. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/culturateo/article/view/rct.i87.28565/20052>. Acesso em: 8 mar. 2018.

BELINQUETE, José. **História da catequese:** em Portugal, Brasil, Angola, Cabo Verde, Guiné-Bissau, Moçambique, São Tomé e Príncipe, Timor-Leste. Coimbra, Portugal: Gráfica de Coimbra 2, 2016, v. 1.

BEUTLER, Johannes. **Evangelho segundo João:** comentário. São Paulo: Edições Loyola, 2015.

BÍBLIA. Português. Bíblia de Jerusalém. Nova edição, revista e ampliada. São Paulo: Paulus, 2002.

CARVALHO, Humberto Robson de. **Ministério do catequista:** elementos básicos para a formação. São Paulo: Paulus, 2015. (Coleção Catequese).

CASPANI, Pierpaolo. **Renascer da água e do Espírito:** Batismo e Crisma, sacramentos da iniciação cristã. São Paulo: Paulinas, 2013. (Coleção liturgia fundamental).

CELAM. **Documento de Aparecida:** texto conclusivo da V Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano e do Caribe. Brasília: Edições CNBB; São Paulo: Paulus; Paulinas, 2008.

COMISSÃO EPISCOPAL PASTORAL PARA A ANIMAÇÃO BÍBLICO-CATEQUÉTICA. **Itinerário Catequético:** iniciação à vida cristã – um processo de inspiração catecumenal. Brasília: Edições CNBB, 2014.

CNBB. **Iniciação à Vida Cristã:** itinerário para formar discípulos missionários. Brasília: Edições CNBB, 2017.

_____. **Iniciação à vida cristã:** um processo de inspiração catecumenal. Brasília: Edições CNBB, 2009.

_____. **Diretório Nacional de Catequese.** Brasília: Edições CNBB, 2006.

_____. **Com adultos, catequese adulta.** São Paulo: Paulus, 2001. (Estudos da CNBB, 80).

CONCÍLIO VATICANO II. **Constituição Sacrosanctum Concilium sobre a sagrada liturgia.** 11. ed. São Paulo: Paulinas, 2002.

_____. **Decreto Christus Dominus sobre a função pastoral dos bispos na Igreja.** In.: VATICANO II: mensagens, discursos e documentos. Tradução de Francisco Catão. 2. ed. São Paulo: Paulinas, 2007, p. 277-300.

DIDAQUÉ: o catecismo dos primeiros cristãos para as comunidades de hoje. São Paulo: Paulus, 1989.

FABRIS, Rinaldo; MAGGIONI, Bruno. **Os Evangelhos.** 3. ed. São Paulo: Edições Loyola, 1998, v. 2. (Bíblica).

FLORISTÁN, Casiano. **Catecumenato:** história e pastoral da iniciação. Petrópolis, RJ: Vozes, 1995.

GOPEGUI, Juan A. Ruiz de. Catequese e comunidade cristã. **Perspectiva Teológica**, Belo Horizonte, ano 37, n. 103, p. 315-336, set./dez. 2005.

GUILARTE, Manuel del Campo. Iniciação Cristã. In: PEDROSA, V. M; NAVARRO, M; LÁZARO, R. (et al). **Dicionário de catequética.** São Paulo: Paulus, 2004.

KONINGS, Johan. **Evangelho segundo João:** amor e fidelidade. Petrópolis, RJ: Vozes; São Leopoldo, RS: Sinodal, 2000. (Comentário bíblico).

LELO, Antonio Francisco. **A iniciação cristã:** catecumenato, dinâmica sacramental e testemunho. São Paulo: Paulinas, 2005. (Coleção água e espírito).

_____. Metodologia da iniciação à vida cristã. **Revista de Catequese**, São Paulo, ano 38, n. 146, p. 6-17, jul./dez. 2015.

LÉON-DUFOUR, Xavier. **Leitura do Evangelho segundo João I:** capítulo 1-4. São Paulo: Edições Loyola, 1996, 13 v.

LIMA, Luiz Alves de. **A catequese do Vaticano II aos nossos dias**: a caminho de uma catequese a serviço da Iniciação à Vida Cristã. São Paulo: Paulus, 2016. (Coleção Marco Conciliar).

_____. A iniciação à vida cristã diante da mudança de época na América Latina. **Revista de Catequese**, São Paulo, ano 37, n. 144, p. 6-25, jul./dez. 2014.

MACHADO, Ariél Philippi; BERTOLDI, Marlene. A família: lugar prioritário da transmissão da fé. **Encontros Teológicos**, Florianópolis, ano 30, n. 71, p. 103-117, 2015.

Disponível em: <https://revista.facasc.edu.br/ret/article/view/51/46>. Acesso em: 08 maio. 2018.

MICHELETTI, Guillermo Daniel; SANTOS, Michelly Fleming dos. Há sentido na confirmação após a eucaristia? Contribuição para a discussão sobre a sequência dos sacramentos de iniciação. **Revista de Catequese**, São Paulo, ano 40, n. 150, p. 16-29, jul./dez. 2017.

NENTWIG, Roberto; MENON, Regina Fátima de Mesquita. A catequese mistagógica. **Revista de Catequese**, São Paulo, ano 34, n. 135, p. 43-47, jul./set. 2011.

NERY, Israel José. Iniciação à vida cristã num mundo em mudança: um olhar crítico a partir da América Latina. **Revista de Catequese**, São Paulo, ano 37, n. 144, p. 26-36, jul./dez. 2014.
NOCENT, A. Iniciação cristã. In: SARTORE, Domenino; TRIACCA, Achille M. (Orgs). **Dicionário de Liturgia.** São Paulo: Paulus, 1992. (Série Dicionários).

NÚCLEO DE CATEQUESE PAULINAS (NUCAP). **Metodologia da iniciação à vida cristã:** formação do catequista. São Paulo: Paulinas, 2016. (Coleção pastoral litúrgica).

OLIVEIRA, Pe. Antônio Almir Magalhães de. Iniciação à vida cristã. **Kairós – Revista Acadêmica da Prainha**, Fortaleza, ano VII/1, p. 173-187, jan./jul. 2010. Disponível em: <http://www.catolicadefortaleza.edu.br/wp-content/uploads/2013/12/08.Pe_.-Almir-ok-pags.173-187.pdf>. Acesso em: 25 fev. 2018.

ORMONDE, Domingos. A iniciação e o rito do catecumenato em etapas. **Revista de Liturgia**, São Paulo, ano 27, n. 163, p. 34-35, jan./fev. 2001.

_____. O caminho do pré-catecumenato. **Revista de Liturgia**, São Paulo, ano 28, n. 167, p. 27-28, set./out. 2001.

PAIVA, Pe. Hugo de V. Introdução. In: AGOSTINHO. **A instrução dos catecúmenos**: teoria e prática da catequese. Trad. Maria da Glória Novak. 3. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1984. p. 7-20.

PAIVA, Ivanildo de. **Catequese e Liturgia:** duas faces do mesmo mistério: reflexões e sugestões para a interação entre catequese e liturgia. São Paulo: Paulus, 2008. (Coleção Catequese).

PANAZZOLO, João. **Caminho de iniciação à vida cristã:** elementos fundamentais. São Paulo: Paulus, 2011. (Coleção Catequese).

PAPA FRANCISCO. **Amoris Laetitia:** Exortação Apostólica Pós-sinodal sobre o amor na família. São Paulo: Paulinas, 2016.

_____. **Evangelii Gaudium:** Exortação Apostólica sobre o anúncio do Evangelho no mundo atual. Brasília: Edições CNBB, 2013.

PAROLI, Márcia Helena Rodrigues. O acompanhamento espiritual à luz do encontro de Jesus com a samaritana. **Vida Pastoral**, São Paulo, ano 59, n. 322, p. 29-36, jul./ago. 2018.

PAULO VI. **Exortação apostólica Evangelii Nuntiandi:** sobre a evangelização no mundo contemporâneo. 22. ed. São Paulo: Paulinas, 2011.

QUEZINI, Renato. **A pedagogia da iniciação cristã.** São Paulo: Paulinas, 2013. (Coleção Catequética).

RASCHIETTI, Estêvão. **Ad Gentes:** texto e comentário. São Paulo: Paulinas, 2011. (Coleção revisitar o Concílio).

REINERT, João Fernandes. **Paróquia e Iniciação Cristã**: a interdependência entre renovação paroquial e mistagogia catecumenal. São Paulo: Paulus, 2015. (Coleção catequese).

RITUAL de Iniciação Cristã de Adultos. Renovado por decreto do Concílio Vaticano II e promulgado por autoridade do Papa Paulo VI. Trad. Portuguesa para o Brasil da edição típica. 7. ed. São Paulo: Paulus, 2011.

ROXO, D. Paulo Antonino Mascarenhas, OPraem. Introdução. In: AGOSTINHO. **Primeira catequese aos não cristãos.** São Paulo: Paulus, 2013, p. 61-68. (Coleção Patrística).

STORNIOLO, Ivo; BALANCIN, Euclides Martins. Introdução e notas. In: DIDAQUÉ: o catecismo dos primeiros cristãos para as comunidades de hoje. São Paulo: Paulus, 1989, p. 3-5.

TABORDA, Francisco. **Nas fontes da vida cristã:** uma teologia do batismo-crisma. 3. ed. São Paulo: Edições Loyola, 2012. (Coleção Theologica).

TRADIÇÃO Apostólica de Hipólito de Roma: liturgia e catequese em Roma no século III. Tradução de Maria da Glória Novak. 2. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1981.

TUÑÍ, Josep-Oriol; ALEGRE, Xavier. **Escritos joaninos e cartas católicas.** São Paulo: Editora Ave-Maria, 1999, v. 8. (Introdução ao estudo da Bíblia).

TUYA, Manuel de. **Bíblia comentada:** evangelios. 3. ed. Madri, EP: La Editorial Catolica, S. A. 1977.

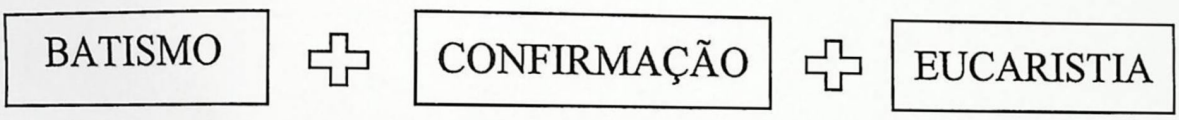
# ANEXO

## Sequência dos sacramentos de iniciação à vida cristã ao longo da história do cristianismo, no Ocidente

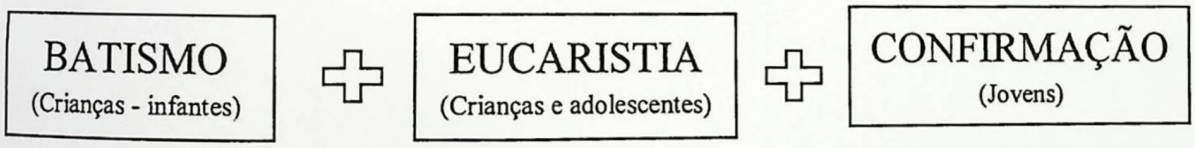
**1. Séculos I-IV**




**2. Séculos V-VII**




**3. Século VII até hoje**




**4. Proposta da iniciação à vida cristã com inspiração catecumenal**

